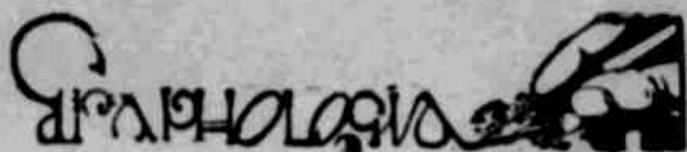
Paratodos...

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONYMA INGLEZA

SENADOR VERGUEIRO

TEL. BEIRA-MAR, 4015

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

YO-PU (Botucatu') — Tem o espirito muito recto, pouco vibrante, apezar de ser ás vezes expansivo. A vontade é sobria, mas constante e firme. Ha algum idealismo, sobrepujado por idéas positivas, mórmente sobre o futuro.

ESTEPHANIA (Ribeirão Preto) — Quando está zangada, ninguem se anima de lhe dirigir a palavra. E' teimosa ! Mas depressa lhe passa. Logo lhe volta a serenidade e o bom humor e é então de uma lhaneza extraordinaria. Dahi se infere um desequilibrio nervoso muito sensivel Mas apezar disso tem idéas firmes sobre qualquer assumpto e o seu espirito sabe vibrar com justiça e emoção. Possue um bello senso artistico e tem um excellente coração.

PED. GAUCHO (Rio) — Estudando-se a sua graphia e a sua assignatura, percebe-se um individuo muito idealista, mas de vontade forte e tenaz, e com impetos colericos frequentes. Sua intelligencia é vivaz, mas o espirito é um tanto frio e, ás vezes, inclinado á contradição. Sabe dissimular, porém, e raramente se deixa surprehender no seu verdadeiro aspecto. E' grande o seu amor proprio e seus instinctos sensuaes são fortes, ainda que impermanentes. Generoso de coração, não até o ponto de se descuidar de seus interesses, pois é um facto a sua bóssa commercial.

ROSE MARY (São Paulo) — Predomina em sua personalidade o egoismo — esse desejo de querer tudo ou, pelo menos, o melhor para si. O traço da ambição é, pois, muito poderoso. Mas, apezar disso, está longe de ser uma avarenta. O seu coração é bondoso e, principalmente caritativo para a gente humilde. Tem vaidade e audacia. Um espirito decidido nortêa todos os seus actos. Pouco se importa com as conveniencias, desde que presinta que ellas lhe contrariam os interesses. E' amavel e dissimulada.

X. Y. Z. (Rio) — E' muito simples. Tem o espirito muito vibrante, mas sabe dominal-o a cada passo. Não lhe falta amor proprio. Todavia, torna-se difficil percebel-o, graças á sua simplicidade, quer de palavras quer de modos. A vontade é mansa, mas tem muita pertinacia. E' zelosa e paciente. Mas tem pouca bondade cordial.

SACADURA (Victoria) — Na sua graphia estampa-se uma personalidade bem equilibrada, de idéas claras e preciosas, cuja ligação denuncia o materialismo da sua natureza. Ha egoismo no seu amor. Deseja todas as considerações por parte de quem o estima. E' uma presumpção como outra qualquer. Sua vontade é tranquilla e confiante. Quando, porém, se desillude desencadea alguma colera. Cousa aliás, passageiras. Tem bom coração e bom gosto.

RAIMOND (São Paulo) — Fraca memoria para cousas que não sejam calculos... Nestes é o que se chama — um turuna ! Vive a calcular tudo, e quanto mais se entrega a isso menos acerta.. E' que sua intelligencia, tarda e falha, não o ajuda. Vê com prazer o fracasso dos outros — prova certa de máo coração. Entretanto, quebra lanças por causas que não merecem fé. Tudo, naturalmente, por causa da pouca ponderação do espirito. Deixa-se arrastar por paixões e é capaz de pôr de lado todas as conveniencias sociaes.

AIDA YEDDA (São Paulo) — Percebe-se logo muita vaidade e muita audacia no seu feitio. E' uma destemida e presumpçosa. Se a sua força de vontade correspondesse á audacia... que desastre para si propria ! Felizmente, é uma vontade cordata ou pelo menos muito discreta. Seu coração tem surtos de generosidade, e isso tambem adoça em pouco o seu "eu". Ainda assim não são poucas as contrariedades que lhe advêm dos impulsos audaciosos. Soffre-as com grandeza d'animo, reagindo e persistindo nos seus primeiros intentos. Vae pouco por sentimentalismos. Suas idéas são simples e praticas. Não fosse a presumpção e seria uma creatura ultra sympathica.

DÉDÉ (Rio) — Ha orgulho e prodigalidade na sua natureza. O espirito é um tanto indifferente, inclinado a contrariar os circumstantes. Ha indicios de expansão com pessoas intimas. Idealisa muito, mas procura affectar que não perde tempo com isso. A vontade é pertinaz e o coração alheio a bondades.

BONTEAUX (Caçapava) — O que se nota exclusivamente é o prurido de querer parecer uma cousa que não é. Toda a sua natureza se encerra nesta palavra: dissimulação.

MALINCONIA (São Paulo) — Os principaes traços do seu caracter são — a rectidão do espirito e a grandeza d'alma. Não transije com acções inconfessaveis e corre todos os riscos desse feitio honesto. Recebe com desdém as revoltas ou as injurias dos offendidos pela sua intransigencia. E' de uma grande simplicidade de maneiras e tem uma vontade ferrea. Claro está que não perde tempo em idealismos. Todavia, está longe de ser materialista *enragé*, embora tenha realmente um coração endurecido.

AMERICANO (Pelotas)—O que mais se nota na sua graphia é a presumpção. Crê-se um espirito elevado no meio em que vive e suppõe-se predestinado a desempenhar uma grande missão. Na realidade, porém, é um individuo mediocre, com uma grande bóssa de espalhafato e muita ambição pelo dinheiro. Procura dissimular essa ambição sob a capa de uma grande generosidade, mas, intimamente, dá ao diabo semelhante disfarce... Sua vontade é tenaz e muito envolvente. Não tem bondade cordial, senão quando isso lhe serve aos seus processos dissimulatorios.

NENEZINHA (S. Paulo) — Grande força de instinctos sensuaes misturada com muito idealismo, formando assim uma natureza cheia de volupia. Seu espirito é pouco expansivo e sua vontade muito constante. Ha um grande desejo de conquista, mas alheio ao coração. Trata-se pois, de victorias procuradas no terreno da materia e para satisfazer ambições desordenadas.

ELY LANY (Rio) — Individuo de espirito frio, preoccupado por idéas ambiciosas sente pouco os infortunios alheios e procura sentir menos, engalfando-se nos prazeres materiaes.

E' teimoso em seus desejos e quasi sempre acaba por vencer. Ao lado dessas qualidades poussue boa segurança de razão. Seu cerebro equilibrado sabe reflectir com justeza, salvo quando em fóco alguma questão que lhe affecte os intereoses pecuniarios. Mas anida assim não disparata.

ELLADIO PIRES (B. Horizonte) — Na vontade está o seu principal caracteristico. E' forte, possante irresistivel. Tem a consciencia sempre alerta e por isso não abusa dessa força. Emprega-a tão sómente na conquista do que é rasoavel. Parece fadado a vencer tudo em que se mette.

Questionario

Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitos aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores e, ao mesmo tempo, lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que, mensalmente, publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o prazo das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outros nos Estados.

LOIRINHA (?) — 1º, Mary Pickford Studio, Santa Monica, California. 2º, 485 Fifth Avenue, N. Y. C. 3º, 10 th Avenue 55 th to 56 th Street, N. Y. C. 4º, 25 W. 45 th Street, N. Y. C.

FILLMORE (Caruarú) — Envie, que se fôr boa, será publicada.

P. F. RIBEIRO (Gouvêa) — O preço vae sempre marcado na propria revista, n'alguma de suas paginas. As condições tambem.

LUIZ VANELLI (Rio) — Está actualmente na California, mas póde escrever para , que ás mãos lhe chegará. Nunca podemos attender com a desejada urgencia. Todos pedem preferencia, todos têm pressa, mas só respondemos pela ordem de chegada das cartas.

J. LEAL (Itú) — Valor correspondente a 25 centimos (1|4 de dollar) ouro americano.

X. HART (Santos) — Nunca tivemos noticia ao menos desses films.

MIMOSA SONHADORA (Rio) — 1º, 25 annos, 1,65 de altura. 2º, 21 annos, 1,57. 3º, 31 annos, 1,65. 4º, 21 annos, 1,59. 5º, 28 annos, 1,70.

J. LEAL (Itú) — 1º, Não temos notas precisas. 2º, Ignoramos; ella não nos communicou cousa alguma a respeito. 3º, Solteira. 4º, 24.

J. A. PALHARES (S. Paulo) — Universal City, California, ou Blvd Apts, Hollywood Blud, Los Angeles, California.

CINEMOPHILO (S. Paulo) — 1º, Extrahimos os contos das revistas americanas; se nellas não sahem é porque os escriptores de lá, que se dão a esse trabalho, não lhes acham valor algum. 2º, Não sabemos. 3º, Cousas lá da companhia. 4º, Houve uma baixa em 1921; os de 22 porém são quasi todos excellentes. 5º, Bonito rapaz fez-se a *coqueluche* das raparigas. Seu genero não é o mesmo dos outros citados.

MILTON CAVALCANTI (Maceió) — 1º, Aqui é difficil, máo e caro. Só nos Estados Unidos. Os da Paramount no escriptorio da Empreza. 2º, Para não se tornar monotono pela uniformidade. 3º, Já publicamos esses informes dezenas de vezes, meu caro. 4º, Temos varias, mas pertencem ao nosso archivo.

EDDIE POLO, O PESADO (?) — Não temos mais. Sumiram-se no horizonte como a palmeira do *Guarany*.

W. H. (Porto Alegre) — Quer que passemos em revista a collecção para poupar-lhe trabalho? O nosso tempo é escasso para semelhante serviço. Aqui na redacção encontrará.

ASSIGNANTE DE 1918 ou NÊNÊ SACADURA (?) — V. não está (pelo menos sua carta o revela) á altura de comprehender o que é uma obra d'arte. Pois então uma aquarella póde lá ser comparada a uma photographia? Ora temos conversado. E se as suas 600 senhoras e senhoritas entôam pela mesma pauta, palavra que temos pena dellas... Todos os artistas que cita já têm sahido. Olhe, quer que lhe falemos com franqueza? Em vez dos elogios preferimos as descomposturas...

OSWALDO CONDE (Porto Alegre) — 1º, 24 annos, casada; actualmente fóra do cinema. 2º, E' Mary Pickford Studio, Santa Monica, California. Só respondemos por aqui, nunca por carta.

LITTLEPAINTER (Bello Horizonte) — Explica-se. Quando o film é lançado extractamos das revistas tudo quanto lhe diz respeito, passando para o nosso catalogo. A data 1921 foi devido a ter sido publicada a distribuição em revista daquelle anno ainda. Ha casos curiosos, por exemplo, um film de Robert Hanon, só exhibido quasi um anno após a morte daquelle artista. Se aqui fosse exhibido (é da Robertson Cole) e nós dariamos a sua idade justa (a da exhibição e não da confecção), de certo muita gente gritaria ser erro, pois que o artista já estava morto ao tempo. São cousas...

GAROTINHO COOGAN (Pelotas) — Se publicassemos o que nos escreveu, o representante aqui, juraria que era perseguição. Se quizer entretanto converter o seu communicado em uma especie de chronica dando suas impressões, seria facil publicar. Quer?

SANTOS (Rio Preto) — Divorciou-se faz pouco tempo.

AMAZILIS NEIVA (Rio) 1º, Desconhecida. 2º, 25 W. 45 th Street, N. Y. C. 3º e 4º, 485 Fifth Avenue, N. Y. C. 5º, 10 th Avenue 55 th to 56 th Street, N. Y. C.

JIM FOX (S. Paulo) — Satisfaremos seu pedido.

CONDE DE CASTELLO VERDE (Victoria) — Casada, loira, 24 annos, Lasky Studios, Hollywood, California, 1,60 de altura, 56 kilogrammas de peso.

MAURA (Fortaleza) — Casada. Hotel Ausonia, N. Y. C.

COQUELIN BERNHARDT (Maranhão) — Não entendemos de series.

William Farnum

Entrevista com o forte "Bill", o popular interprete de Os Miseraveis, por John Beker

William Farnum é um dos actores pessoalmente mais sympathicos da troupe do cinema, pois, não obstante haver galgado o pinaculo da fama, mantem o mesmo caracter franco, simples e sincero, alheio a toda vaidade, sempre alegre, forte, são... bom esposo e excellente amigo.

Poucos actores ha tão conhecidos e populares como elle. Appareceu na multidão dos actores de film, mas sua fama cresceu sempre e tende ainda, talvez, a augmentar, comquanto elle tenha de lutar muitas vezes com argumentos pobres, indignos de sua arte. E' que "Bill" é actor talentoso e habil, que imprime a seu trabalho um quê de pessoal e caracteristico de dignidade artistica.

Tive que entrevistal-o um deste dias e, para isso, fui á sua nova e linda casa de Hollywood. Encontrei-o no jardim, com a esposa e com "Jackie", o seu cachorro favorito. Dahi, subi com elle á bibliotheca.

O famoso João Valjean d'"Os Miseraveis" offereceu-me um charuto e falou:

— E' você o primeiro reporter que pisa nesta casa...

— Diga antes palacio! — atalhei.

— Não é tanto assim. Está de accordo com o que eu necessitava... Commodidade acima de tudo, amigo reporter! Vamos, porém, ao que lhe interessa. O amigo ha de ter muito que perguntar, comquanto eu tenha pouco que dizer já... São tantos os entrevistadores!

— Seus admiradores assim exigem...

Os films da Semana

Foi sem nenhum interesse maior, a programmação dos nossos cinemas nos 7 dias passados. Nenhuma novidade appareceu no *écran* da Avenida. Com excepção do Central e do Palais, onde passaram os *films* mais fracos, todos os outros offereceram o que tão communmente já nos habituámos a ver. Até mesmo o programma Serrador, no Odeon, desmereceu, embora "Seductora virtuosa", por Constance Talmadge seja, como interpretação, um magnifico trabalho da irmã de Norma. O *film* é, porém, pequeno. Em conjunto, seus creadores não merecem grandes applausos. E' uma comedia ligeira com algumas scenas curiosas. Faz rir.

No Rialto, para onde o publico já voltava suas attenções, reappareceu o *film* allemão "Opio". Pouco interessante para quasi toda a gente, essa producção teve admiradores. "A magia da Innocencia", por Gladys Walton, que passou depois, é coisa bem melhor em cinematographia.

No Pathé, a super-producção da Ass. Exhib., "Forças espirituaes", não conseguiu mais que outro qualquer *film* da Fox. Anna Nillson, que o interpretou, embora encantadora na variedade de suas ricas *toilettes*, nada de mais poderia fazer num romance tão explorado. Acreditamos que tenha interessado muito mais Buck Jones no "O homem de aço".

No Avenida, os *films* da Paramount "Amor de uma mulher", por Agnes Ayres e Jack Holt, e "O campeão do mundo", por Wallace Reid, agradaram.

No Parisiense, "Como se enganam as mulheres", por Betty Blythe, e "Fidelidade", por May Mac Avoy, valeram 1$000 pela entrada.

Operador n. 3.

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 30 DE OUTUBRO A 5 DE NOVEMBRO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLASSª
First Circuit.	Odeon. . . .	Seductora virtuosa (A Virtuous Vamp)	Constance Talmadge.	1919	... 6 ...
Paramount. .	Avenida. . .	Amor de uma mulher (Bought and Paid Ford).	Agnes Ayres e Jack Holt.	1922	... 5 ...
—	Rialto. . . .	Opio.	—	—	Rep.
?	Central. . .	Cadeias de Satanaz.	Ressel Orla.	?	... 4 ...
Bertini film .	" . . .	Amor e avareza.	Francisca Bertini.	1918	... 3 ...
Rockett-film .	Parisiense. .	Como se enganam as mulheres (The Truant Husband).	Betty Blythe e Mahlon Hamilton. . .	1920	... 6 ...
Pathé N. Y.	Pathé. . . .	Forças espirituaes (What Women Will Do).	Anna Q. Nillson.	1921	... 5 ...
Paramount. .	Avenida. . .	O campeão do mundo (The World's Champion).	Wallace Reid.	1922	... 6 ...
Fox.	Pathé. . . .	O homem de aço (Rough Shod). . .	Buck Jones.	1922	... 6 ...
Universal. . .	Rialto. . . .	A magia da innocencia — Bons dias — (Top o the Morning).	Gladys Walton.	1922	... 6 ...
Realart. . .	Parisiense. .	Fidelidade (A Virginia Courtship). .	May Mac Avoy.	1922	... 6 ...
Ass. Prod.. .	Palais. . . .	A vida é um sonho (The Ten Dollars Raise).	Margueritte de La Motte.	1921	... 5 ...
Hodkinson. .	"	Jane Eyre.	Mabel Ballin, Norman Trevor. . . .	1921	... 6 ...

— Acredito... Mas elles devem já saber da minha vida tanto como eu, tão grande numero de vezes a tenho contado. Já sei mesmo de cór a fórmula. Olhe... Nasci em Boston, anno de 1876...

— Perdão! Desta vez vou variar... Diga-me... Seu mano Dustin é mais velho ou mais moço?

— Mais velho dois annos...

— E Franklyn Farnum?

— Esse é apenas nosso amigo. Travámos conhecimento com elle em Boston e ha uns trinta e cinco annos seguros que somos bons amigos, tanto que elle adoptou meu sobrenome quando se fez actor.

— E o senhor, ha muito que é actor?

— Desde os dezeseis annos. Meu mano Dustin já o era e só por inveja delle é que eu entrei para o theatro.

— E triumphou, não acha?

— Effectivamente não tenho de que me queixar. Foi mesmo devido ao meu exito que meus paes me perdoaram a falta de abandonar os estudos, e que Franklyn se fez actor.

— Qual é o seu successo theatral de melhores recordações?

— "As pequenas bacchanaes", que esteve no cartaz duas temporadas seguidas, e em que Dustin tambem tomava parte.

— E como entrou no cinema?

— Do mesmo modo que no theatro, para seguir Dustin. Depois de mim, entrou Franklyn.

— Onde estreou?

— Na Selig, donde passei á Paramount, fazendo ahi sete films, entrando, em 1915, na Fox, a tomar parte no primeiro film que essa fabrica fez na California e que foi estreado em Fevereiro de 1916, em Nova Nork, sob o titulo "Justo castigo".

— E seus melhores films, na Fox, quaes são no seu modo de ver?

— "Miseraveis", o "Thermidor" e "Samsão".

— E dos mais modernos?

— "Se eu fôra rei!" Os outros não me enthusiasmam... Pouca sorte nos argumentos, creio eu... Lembro-me, agora, do primeiro film em que tomei parte... Chamava-se "Pulsos de ferro", e tive nelle uma luta formidavel com Thomas Santschi. Tudo quanto estava ao nosso alcance ficou em pedaços.

— Agradam-lhe as lutas?

— Só quando interpreto obras de folego como "Os Miseraveis" ou "Se eu fôra rei", onde é possivel mostrar condições de artista. As outras lutas estão ao alcance de qualquer comparsa de muque...

— Pensa em voltar ao theatro?

— Por agora não... Tenho, entretanto, desejo de fazer, alguma vez, uma temporadazinha...

Emquanto fala, "Bill", que tem lindos olhos azues, muito brilhantes, e cabello castanho luzidio, sorri e expelle grandes baforadas de fumaça do seu charuto. O tom de voz é agradavel e a gente, ouvindo-o, sympathisa logo com esse homem, cujo typo de tão grande volume não dá idéa da alma quasi infantil que elle guarda.

— Tem alguma ambição, "Bill"?

— Uma só e de ordem artistica.

— Qual é?

— A de adaptar á téla "Ben Hur", a peça que no theatro tanta fama me deu e fazer um film com o argumento de "As pequenas bacchanaes", trabalhando com meu irmão Dustin. Seria um prazer enorme para nós dois, mas, infelizmente, nossos contractos não o permittem por emquanto.

— Fóra do cinema e de sua casa, o que é que gosta mais de fazer?

— Pescar... Mas, veja amigo reporter, nossos charutos estão gastos e parece-me isso um aviso para que demos fim á reportagem... Eu, com franqueza, nada mais tenho a accrescentar...

— Nem eu que perguntar...

E um forte aperto das suas mãos gordas e fortes foi o ponto final da entrevistta...

☆ ☆ ☆

"The Parsins Vine" é o novo film da Rex Ingram para a Metro, com o concurso de Alice Tury, Ramon Navarro (Samanyegos), Edward Connely, etc.

Para todos...

ANNO IV NUM. 204

RIO DE JANEIRO 11—XI—1922

BAILADO

A ENRICO CASTELLO

Que noite voluptuosa de bailado !

Na *terrasse* o *jazz-band* principia...

Dansam na luz do luar magica e fria,

Num delirante açoite,

As arvores, as torres, os repuxos...

E' o bailado da noite.

Dansa, doirada e languida, a cidade

Lá em baixo: e o mar, com o vinho das estrellas,

Baila, bebedo de claridade,

O bailado dos barcos e das velas.

Perfumando a neblina transparente,

Vem vindo a lua... Bailarina,

O' minha Salomé de Wilde, toda núa !

Vae dansar sobre os telhados e as claraboias...

E as estrellas, de repente,

Enlaçam lúbricas o corpo da lua

Porque as estrellas pensam que são joias...

OLEGARIO MARIANNO

(*Desenho de Di Cavalcanti*)

Srs. e Sras. Pedro Bonilha, Paiva Lima, Cunha Bueno e outros socios do Paulistano chegando para assistir o formidavel encontro.

Uma opportuna tirada de cabeça de Orlando.

FOOT-BALL EM SÃO PAULO

C. A. PAULISTANO x ARGENTINOS

Paulistano 4 goals.

Argentinos 1 goal.

Formiga minutos antes do jogo.

TELEPHONE

Allô ! Quem fala ? E' você ? Sim, aqui sou eu. Por que telephonei ? Ora ! Por que queria saber noticias minhas... Como ? Pois não sabe, então ? Não sabe que a minha vida é a sua ? Que eu só vivo sentimentalmente... sim... sentimentalmente... E só vivo em você... Acha graça ? Não comprehende ? Sim, em você... Dahi eu lhe telephonar para pedir noticias minhas... Ouça: quando você vae aos bailes, ás festas, aos chás, ao *footing*, eu morro em você... Comprehendeu ? Está quasi ?... Sim, acertou... E' isso mesmo... Ao passo que quando a sei em casa, recolhida, entre os poetas preferidos ou fazendo musica, guardando no seu lindo interior a sua linda elegancia, a sua linda belleza... ah! como vou bem ! E' um sacrificio que exijo ? Egoista ? Mas si o amor, segundo todos, é o poema do egoismo ! Veja o que diz um poeta :

"O amor é o poema do egoismo. Busca
beijar-te no teu beijo e em teu braço abraçar-te..."

E' assim. Ainda mais: a gente só ama bem quando odeia... Ou quando não ama... Quando um homem mata a sua amante, que grande amor ! Olhe: eu, si fosse mulher, queria que acontecesse isso commigo... Literatura ? Não, pelo amor de Deus ! Em literatura a gente nunca diz verdades... E o que acabo de dizer é dolorosamente verdadeiro... Por isso é que você não acredita... Não, não é propriamente um "jogo de palavras..." Nem sou *charmant* como diz.. Quer ter a prova de que o não sou ? Ha quanto tempo você me diz isso ? Sim, porque si eu fosse encantador... Você me amaria... E neste caso não m'o daria a perceber... Com receio de perder-me ! Em amor não ha amabilidades... Incoherente ? Por que ? Bem, eu disse ha pouco que você guardasse em casa a *sua* elegancia, a sua belleza... Queria dizer que você *possuia* uma belleza, uma elegancia... Não que você era bella e elegante... Lembre-se bem. A elegancia e a belleza possuem-se... Não sabia ? Olhe: por falar nisso, mais uma vez lhe peço... não saia tanto... Não se gaste tanto pelas salas, pelas avenidas... Si as mulheres soubessem quanto custa um sorriso ! Si soubessem que só devem ser vistas uma vez... Devemos economisar emoções... Para que sahir ? Quando se póde ficar numa penumbra suave, em casa, entre livros, flores exoticas... a um canto da sala... a sonhar a vida das figuras que dormem no tapete... ou recordando o ultimo accorde do piano... a ultima carta escripta... a ultima lagrima que acabou num sorriso... um longo beijo... a saudade desse beijo, que acabou noutro beija... os sentimentos que nos invadiram, ha tanto tempo, longe, no passado, que é tão difficil reconstruir... Não saia mais ! Não vale a pena... E, depois, você é tão bella... chama attenção... E os *outros* olham tanto... Tanto quanto eu, da primeira vez... Lembra-se ? Ah ! a primeira vez que nos falámos... E os encontros fortuitos, nos cinemas... a impossibilidade de ir vel-a em casa... a angustia de só poder vel-a na rua, banalmente, onde todos a viam tambem... A delicia que eu tinha, como hoje ainda, de ficar no meu gabinete a pensar no que estaria você fazendo... o que dizia e pensava longe de mim... Tudo tão delicioso... Lembra-se ? Eu já a amava tanto que preferia o sacrifico... deixar de vel-a... comtanto que a soubesse longe das ruas, dos ruidos, dos excessos de luz que gastam tanto !

Eu já amava tanto, que não queria vel-a... A sua grande belleza! Como a vejo agora ! Como desejaria vel-a agora ! Olhos rasgados... cillios longuissimos... corpo de amphora... Sim, sim... Marque um encontro.. Uma hora ? Onde ? na Avenida ? Está bem... Até já...

On.

NO HOTEL GLORIA

Uma mesa do chá em beneficio do Hospital Hahnnemaniano.

O "HOME"

Evidentemente a palavra é commoda... De resto, é bem singular que sejamos obrigados a empregar, para dizer que nos achamos bem installados em nossa casa, uma expressão que não é nossa... E' certo que ha a palavra *interior*... mas que tem um sentido tão desfavoravel! Vejamos, minha amiga. Si alguem dissesse de vós que sois uma mulher de *interior*, certamente isso vos desgostaria... Ao passo que si elogiaes o *home, the sweet home*, ninguem pensará em attribuir-vos essas solidas virtudes burguezas que não são nada lisongeiras. Assim, continuae a falar inglez, arredondando a bocca e avançando graciosamente os labios, e aquelle que vos escuta pensará, talvez, que acabaes de lhe enviar um beijo...

E. Rey.

HORAS MORTAS...

Noite de chuva. De muita chuva. De chuva torrencial... Em Cascadura. O silencio. E no silencio, longinquo, o apito do guarda nocturno abre, de quando em quando, um rasgão de melancolia... Encostado á esquina de uma rua, o guarda-civil pensa. Pensa que está pensando. O apito approxima-se. Com elle, surge o nocturno. — Boa noite. — Boa noite. O civil contiúa na scisma. O outro, então, balança dolorosamente o *casse-tête*, olha a agua que cáe e arranca do fundo d'alma este suspiro: — E' muito triste esta nossa vida militar ! E lá se vae, encharcado... Some-se na escuridão. O silencio. O apito. A chuva. A chuva torrencial...

Visita do 1º Congresso Brasileiro de Pharmacia ás represas do rio d'Ouro.

Senhorinha Maria Carmen Portugal

RESIGNAÇÃO

— *Viver para outrem*... Quando eu era pequeno, ouvi esta phrase, algumas vezes, sem entender o que significava... Depois, na juventude, impliquei com ella, por causa do *outrem*... Agora, já menos longe da velhice do que da infancia, estou simplesmente, inesperadamente, a viver para outrem... Acontece cada cousa á gente...

O homem sorria com doçura, olhando a multidão:

— Ha destinos assim... Ha outros peores. Imagine, por exemplo, que eu tivesse um dente de ouro !...

A vida é uma fogueira eterna, e nós somos a lenha destinada a alimental-a. (Este pensamento me veiu, quando eu olhava o meu senhorio). — *Commerson.*

Na Exposição Rural de Bagé, Rio Grande do Sul: Instantaneos batidos no dia da inauguração, 18 de Outubro. Vêem-se nelles senorinhas do alto mundo bageense. No terceiro, á direita, está o Sr. Dr. Assis Brasil, entre amigos, no recinto da Exposição, depois de haver pronunciado o seu notavel discurso sobre a pecuaria gaúcha.

O PRATO DO DIA

Não sei se sabem, — resolução inabalavel, — fiz o que fazem os politicos: — virei casaca!

Não quero mais saber de desenho, francez, inglez, nem nada dessas prendas que dão finura e nota *chic*.

Despedi professores, vendi piano e vou comprar a *Phisiologia do Paladar*, para illustrar a filha que tenho e as outras que hão de vir... com a Graça de Deus.

Hoje o ensino é outro, — não é mais na sala, — é na cozinha! Em logar de teclas e linguas, é, — panellas e caçarolas!

E não póde ser por menos. Não ha mais quem sirva, não ha mais criadas. As pretas, vão desapparecendo, as que existem, — dão cartas e andam por esmola. E além do mais, — roubam, fazem feitiços e rogam pragas! As brancas, — Deus nos acuda, — é só fabricas de chitas, fabricas de gravatas, fabricas de meias, fabricas... do diabo, que as carregue a todas!

As que não são operarias, as que por favor ainda se ajustam, — já se sabe, — flor no peito, quatro bailes por mez, grelar o patrão, e, á noite, — cheiro no lenço e pé na rua!

E ahi está a razão das tragedias no lar, das discordias na familia, onde reina uma balburdia que ninguem se entende.

Cá em casa, tem havido, — além da dasafinação geral, cousas do arco da velha.

Vejam só esta belleza: — A Jeronyma se foi, porque minha mulher mandou que lavasse as mãos para cortar o bife; a Jacintha abalou devido á sobremesa de goiabada e queijo: — achava réles de mais para seu delicado estomago. Estava acostumada a tratamento mais fino: — talvez compotas de calda e fios de ovos! Ainda veiu a Catharina que protestou de mãos nas cadeiras: — que o quarto que lhe estava reservado tinha pouco ar e pouca luz e não se sujeitava á cama de vento para o intervallo entre o almoço e o jantar.

E assim seguimos e assim vamos e creio que assim continuaremos a mudar de famulos como quem muda de camisa.

A ultima, — nem lhe vi a cara nem lhe sei o nome, — entrou de manhã, foi para o fogão fazer torta. Pediu o que a fantasia lhe ideou e no final, a massa sahiu tão dura que me quebrou tres dentes! E não ha uma melhor que outra, — tudo é feito pela mesma bitola.

Hontem, almoçamos marmellada com biscoitos e jantamos biscoitos com marmellada!

Já ando derreado, na espinha, com dôr no peito e nas cadeiras de tanto vasculhar agencias. Entrei num cortiço, — para onde me enviaram, — e lá fui dar com uma parda, morrinhenta, casaco sem botões e as aboboras a dansarem pela barriga a baixo...

Disse ao que vinha.

Tirou da bocca o cachimbo, cuspinhou p'r'o lado, inspeccionou-me do chapéo á bota, e com ar pimpão, respondeu desdenhosa:

— *Eu posso i, mas são oitenta mi rêis e é só o treviá.*

— O que?! você?!!

Fugi de cabellos em pé, e por ahi andei a matróca até cahir num becco com casinholas de porta e janella. Na quinta entrei. Veiu-me receber uma cabrocha, bonitona, sirigaita, requebrada, de saia curta e pernas a véla, — genero nacional.

Ouviu de riso pernostico e mão no quadril a narração dos apertos em que me achava. Quando acabei, piscou o olho, encostou-se a mim e, dando-me uma palmada, rematou dengosa:

— Espera ahi, meu bem... vou comtigo.

Dei um pulo. Nossa Senhora! onde me vim metter! Que perigo! Assustado, enveredei p'ra porta e disparei. Ao chegar aos penates, enfiei, com o avental, esta heroica resolução: — D. João creado de si mesmo.

Não tinha outro recurso.

Creadas, — não ha mais *stock*; cozinheiras, — não aquecem logar; a mulher não sabe, a filha não aprendeu, portanto só me restava fazer o que fiz, e cá estou a refugar o guisadinho e a mexer o feijão.

JOTA SÓ

Recepção na Legação da Tcheco-Slovaquia.

Sr. Acurcio Pereira, illustre jornalista portuguez, chefe da redacção do "Diario de Noticias", de Lisboa, — actualmente em visita ao Rio de Janeiro.

No Jockey Club, antes do almoço de despedida dos delegados estrangeiros que tomaram parte na Conferencia Americana de Lepra.

O homem sómente attinge á completa felicidade, quando consegue illudir-se a si mesmo. — *Flexa Ribeiro.*

HORAS MORTAS...

Noite de chuva. De muita chuva. De chuva torrencial... Em Cascadura. O silencio. E no silencio, longinquo, o apito do guarda nocturno abre, de quando em quando, um rasgão de melancolia... Encostado á esquina de uma rua, o guarda-civil pensa. Pensa que está pensando. O apito approxima-se. Com elle, surge o nocturno. — Boa noite. — Boa noite. O civil contiúa na scisma. O outro, então, balança dolorosamente o *casse-tête*, olha a agua que cáe e arranca do fundo d'alma este suspiro: — E' muito triste esta nossa vida militar ! E lá se vae, encharcado... Some-se na escuridão. O silencio. O apito. A chuva. A chuva torrencial...

Visita do 1º Congresso Brasileiro de Pharmacia ás reprezas do rio d'Ouro.

Senhorinha Maria Carmen Portugal

RESIGNAÇÃO

— *Viver para outrem*... Quando eu era pequeno, ouvi esta phrase, algumas vezes, sem entender o que significava... Depois, na juventude, impliquei com ella, por causa do *outrem*... Agora, já menos longe da velhice do que da infancia, estou simplesmente, inesperadamente, a viver para outrem... Acontece cada cousa á gente...

O homem sorria com doçura, olhando a multidão:

— Ha destinos assim... Ha outros peores. Imagine, por exemplo, que eu tivesse um dente de ouro !...

A vida é uma fogueira eterna, e nós somos a lenha destinada a alimental-a. (Este pensamento me veiu, quando eu olhava o meu senhorio). — *Commerson*.

Na Exposição Rural de Bagé, Rio Grande do Sul: Instantaneos batidos no dia da inauguração, 18 de Outubro. Vêem-se nelles senorinhas do alto mundo bageense. No terceiro, á direita, está o Sr. Dr. Assis Brasil, entre amigos, no recinto da Exposição, depois de haver pronunciado o seu notavel discurso sobre a pecuaria gaúcha.

O PRATO DO DIA

Não sei se sabem, — resolução inabalavel, — fiz o que fazem os politicos: — virei casaca!

Não quero mais saber de desenho, francez, inglez, nem nada dessas prendas que dão finura e nota *chic*.

Despedi professores, vendi piano e vou comprar a *Phisiologia do Paladar*, para illustrar a filha que tenho e as outras que hão de vir... com a Graça de Deus.

Hoje o ensino é outro, — não é mais na sala, — é na cozinha! Em logar de teclas e linguas, é, — panellas e caçarolas!

E não póde ser por menos. Não ha mais quem sirva, não ha mais criadas. As pretas, vão desapparecendo, as que existem, — dão cartas e andam por esmola. E além do mais, — roubam, fazem feitiços e rogam pragas! As brancas, — Deus nos acuda, — é só fabricas de chitas, fabricas de gravatas, fabricas de meias, fabricas... do diabo, que as carregue a todas!

As que não são operarias, as que por favor ainda se ajustam, — já se sabe, — flor no peito, quatro bailes por mez, grelar o patrão, e, á noite, — cheiro no lenço e pé na rua!

E ahi está a razão das tragedias no lar, das discordias na familia, onde reina uma balburdia que ninguem se entende.

Cá em casa, tem havido, — além da dasafinação geral, cousas do arco da velha.

Vejam só esta belleza: — A Jeronyma se foi, porque minha mulher mandou que lavasse as mãos para cortar o bife; a Jacintha abalou devido á sosobremesa de goiabada e queijo: — achava réles de mais para seu delicado estomago. Estava acostumada a tratamento mais fino: — talvez compotas de calda e fios de ovos! Ainda veiu a Catharina que protestou de mãos nas cadeiras: — que o quarto que lhe estava reservado tinha pouco ar e pouca luz e não se sujeitava á cama de vento para o intervallo entre o almoço e o jantar.

E assim seguimos e assim vamos e creio que assim continuaremos a mudar de famulos como quem muda de camisa.

A ultima, — nem lhe vi a cara nem lhe sei o nome, — entrou de manhã, foi para o fogão fazer torta. Pediu o que a fantasia lhe ideou e no final, a massa sahiu tão dura que me quebrou tres dentes! E não ha uma melhor que outra, — tudo é feito pela mesma bitola.

Hontem, almoçamos marmellada com biscoitos e jantamos biscoitos com marmellada!

Já ando derreado, na espinha, com dôr no peito e nas cadeiras de tanto vasculhar agencias. Entrei num cortiço, — para onde me enviaram, — e lá fui dar com uma parda, morrinhenta, casaco sem botões e as aboboras a dansarem pela barriga a baixo...

Disse ao que vinha.

Tirou da bocca o cachimbo, cuspinhou p'r'o lado, inspeccionou-me do chapéo á bota, e com ar pimpão, respondeu desdenhosa:

— *Eu posso i, mas são oitenta mi réis e é só o treviá.*

— O que?! você?!!

Fugi de cabellos em pé, e por ahi andei a matróca até cahir num becco com casinholas de porta e janella. Na quinta entrei. Veiu-me receber uma cabrocha, bonitona, serigaita, requebrada, de saia curta e perhas a véla, — genero nacional.

Ouviu de riso pernostico e mão no quadril a narração dos apertos em que me achava. Quando acabei, piscou o olho, encostou-se a mim e, dando-me uma palmada, rematou dengosa:

— Espera ahi, meu bem... vou comtigo.

Dei um pulo. Nossa Senhora! onde me vim metter! Que perigo! Assustado, enveredei p'ra porta e disparei. Ao chegar aos penates, enfiei, com o avental, esta heroica resolução: — D. João creado de si mesmo.

Não tinha outro recurso.

Creadas, — não ha mais *stock;* cozinheiras, — não aquecem logar; a mulher não sabe, a filha hão aprendeu, portanto só me restava fazer o que fiz, e cá estou a refugar o guisadinho e a mexer o feijão.

JOTA SÓ

Recepção na Legação da Tcheco-Slovaquia.

Sr. Acurcio Pereira, illustre jornalista portuguez, chefe da redacção do "Diario de Noticias", de Lisboa, — actualmente em visita ao Rio de Janeiro.

No Jockey Club, antes do almoço de despedida dos delegados estrangeiros que tomaram parte na Conferencia Americana de Lepra.

O homem sómente attinge á completa felicidade, quando consegue illudir-se a si mesmo. — *Flexa Ribeiro.*

"*Interrogante*", *do esculptor colombiano E. Arzila, premiado e adquirido pelo Instituto de Bellas Artes, de Chicago.*

MAJOR MARCOLINO FAGUNDES

A recente promoção do major Marcolino Fagundes deu a este distincto official do Exercito Brasileiro mais uma opportunidade de avaliar quanto é querido e admirado no meio dos seus camaradas de armas.

Soldado de uma nobre e elevada linha de conducta, conhecedor profundo das diversas especialidades em que tem formado o seu bellissimo espirito, este militar, de uma solida cultura e de uma extraordinaria capacidade de trabalho, já tem muitas vezes saido da tropa para ir prestar, no estrangeiro, serviços importantes em commissões de caracter technico que o governo lhe tem confiado.

Mas, no registro desta pequena noticia não queremos ficar, apenas, na justiça que se deve fazer ao soldado digno. Marcolino Fagundes é tambem um escriptor brilhante, em quem um talento literario se destaca como um dos melhores dons da sua forte mentalidade.

Polyglotta, falando e escrevendo correctamente varias linguas cultas, o seu commercio de intelligencia com os melhores livros desvendou-lhe os grandes thesouros do pensamento inglez, francez, italiano, allemão e hespanhol. Affeiçoou-se aos classicos de tal maneira, que recita e interpreta de cór paginas e paginas de Dante, Shakespeare, Cervantes e Corneille, nunca deixando de encantar os que têm o prazer de escutal-o. O estudo da philosophia, da logica, da historia, da critica e da mathematica, deu-lhe um raro equilibrio na observação dos homens e das coisas, equilibrio que nelle se aprimora com as lições da psychologia de que tambem é um grande sabedor.

Engenheiro e bacharel em sciencias physicas e mathematicas, fez no Club Militar uma conferencia notavel sobre problema de artilharia de costa, que causou boa impressão no Estado Maior. Homem de letras e jornalista, tem publicado os seus trabalhos em jornaes e revistas, destacando-se o que escreveu para a *Illustração Brasileira*, da qual é collaborador, sobre as *Metamorphoses da Divina Comedia*, no sexto centenario do nascimento de Dante.

O major Marcolino Fagundes é um dos ajudantes de ordens do presidente da Republica.

PERVERSIDADES

Na Avenida que transborda
de *gens*, mal a tarde acorda,
todo mundo passa, como
figurinhas de algum chromo
original e bizarro.

Este traz o seu cigarro
blond preso aos labios finos...
Aquelles não são meninos
mas fingem que o são, porque
as meninas... já se vê...

Esta linda melindrosa,
vermelha como uma rosa,
de cintura lá nas pernas,
tem as expressões mais ternas
quando fala de um poeta

que a beija muito secreta
mente, lá não sei aonde...
Aquelle vive com um conde...
E esta outra conta com o olhar
o que faz dentro do mar.

Mademoiselle X. M.
perdeu-se, uma vez, no Leme,
não sei porque... Coitadinha!
Hoje ella, quando caminha,
inda mostra estar cansada

dessa longa caminhada...
A Fulana com a Beltrana
odeiam a raça humana
e por isso andam, a sós,
homens! fugindo de nós!

Assim, na Avenida passa
a Theoria da Graça
e do Peccado... Que pena
que aquella linda pequena
que ali vae, quasi vestida,
de D. Juan d'Avenida

não tivesse ainda ganho
elogios do tamanho
dos que elle tem feito já
a muita pequena má.

E' pena! Porque, em verdade,
não ha ninguem na cidade
com tal sensibilidade.
Pois ella, que é tão imbelle,
dos homens só ama aquelle
que lhe dá surras na pelle!

ON.

COISAS FAMILIARES

(Desenho de Luiz)

— *Venho cobrar-lhe o segundo* fox-trot *dos quatro que me deve...*
— *Sáe,* prestação !

Lembrança da Festa do Cão, realisada no Campo de Sant'Anna, a 12 de Outubro

UM TRABALHO DE VALOR

Resumen *histórico de la ultima Dictadura del Libertador Simón Bolívar* é um dos trabalhos do general Abreu Lima, até agora inéditos. O espirito curioso do Dr. Diego Carbonell, illustre representante da Venezuela em nosso paiz, foi descobrir-lhe o original nos archivos do Instituto Archeologico Pernambucano, delle fazendo tirar cópia e entregando-o ao prelo depois de annotal-o copiosa e eruditamente. A edição foi por proposta do illustre diplomata, que tão rapidamente se impoz á nossa estima, e decisão do governo de sua patria, dedicada ao Brasil "en sus dias de exultación patriotica" para ser "el simbolo de la unión de dos patrias".

A actuação de Abreu Lima nas lutas da independencia da grande Colombia, si bem conhecida, tem sido pouco estudada; só os estudiosos do Instituto Archeologico de Pernambuco se têm preoccupado do assumpto. A obra historica do filho do padre Roma por desestimada vae aos poucos sendo esquecida. Vem este volume pôr de novo em fóco a figura do celebre adversario de Porto Seguro.

Depois da sessão solemne commemorativa do anniversario do Instituto Historico.

Prefacia Goulart de Andrade o volume, que encerra ainda a excellente conferencia do diplomata venezuelano sobre Abreu Lima e os estudos de Rodo e Zorrilla de San Martin sobre Bolívar, traducções ainda do nosso patricio, e uma apreciação sobre a personalidade de Abreu Lima, em que o Dr. Carbonell explica as origens da obra do escriptor pernambucano e della faz longa critica em que transparece a benevolencia para com o escriptor patricio. Tão escassos andam entre nós os estudos historicos, tão deficiente foi na commemoração do nosso centenario a contribuição dos nossos estudiosos sobre o assumpto, que esse volume, piedosamente exhumado dos archivos, veiu-nos ás mãos como um regio presente. Do valor da obra de Abreu Lima, dirão os criticos. A nós, meros commentadores dos factos, só resta agradecer a apparição sobre a nossa mesa de trabalho, do volume que a gentileza da Republica irmã, por seu digno representante, publicou como uma contribuição ás nossas festas da Independencia.

A actividade intellectual do Sr. Diego Carbonell é devéras notavel.

"COUSAS DO TEMPO"

Rivarol, a quem o Sr. Tristão da Cunha consagra as primeiras paginas das "Cousas do Tempo", descobriu, um dia, que os autores muito proclamados pelos jornalistas e pela admiração popular tinham este tormento beças incorruptiveis, na vida: o silencio dos homens de gosto; trinta ou quarenta caladas deante de tanta gloria... Entre nós, o Sr. Tristão da Cunha pertence ao numero, talvez menor do que trinta, dos que perturbam a felicidade dos "idolos da multidão", cada vez mais celebres nas columnas da imprensa sem fim... Mas, esse escriptor, de aristocracia purissima, não guarda nenhuma intenção de embaciar o prazer alheio. Dentro do seu jardim, com as creaturas que ama, entre os canteiros serenos, á sombra das arvores, pensando, sorrindo, elle não vê o que se passa lá fóra, não ouve o alarido da turba quotidiana. Por que deu, então, o titulo de "Cousas do Tempo" ao livro que acaba de publicar? Porque o tempo é o jardim do Sr. Tristão da Cunha. No regimen de liberdade em que andamos, todos estão no direito de fazer do tempo o que entendem por melhor fazer... Ha até pessoas que o perdem, simplesmente...

"Cousas do Tempo..." Um poeta, disfarçado em philosopho, dizendo palavras de belleza, de sabedoria amavel, delicado e ironico... "Cousas do Tempo", que não fógem com o tempo...

ALVARO MOREYRA

Srs. Drs. Arthur da Silva Bernardes e Estacio de Albuquerque Coimbra, presidente e vice-presidente da Republica no quatriennio que se inicia no dia 15. Photographia feita, domingo, depois da chegada do Sr. Dr. Bernardes, em sua residencia particular, á rua Senador Vergueiro.

FIM DE PALESTRA...

— Não, minha amiga. O delirio não é geral. Nem todos querem saber o destino... Nem todos vão aos chiromantes, ás senhoras que leem cartas, aos chama dos videntes... Ha muita gente sem ventura... Só a idéa de poder descobrir que ainda será mais desgraçada afasta-a para bem longe dos reveladores do Futuro...

Essa gente é talvez a que tem mais fé no poder sobrenatural de adivinhar o mysterio da vida que ha de vir...

Os felizes são curiosos.

Os infelizes ja sabem de mais...

Recepção do Sr. Embaixador de Italia ao Corpo Diplomatico.

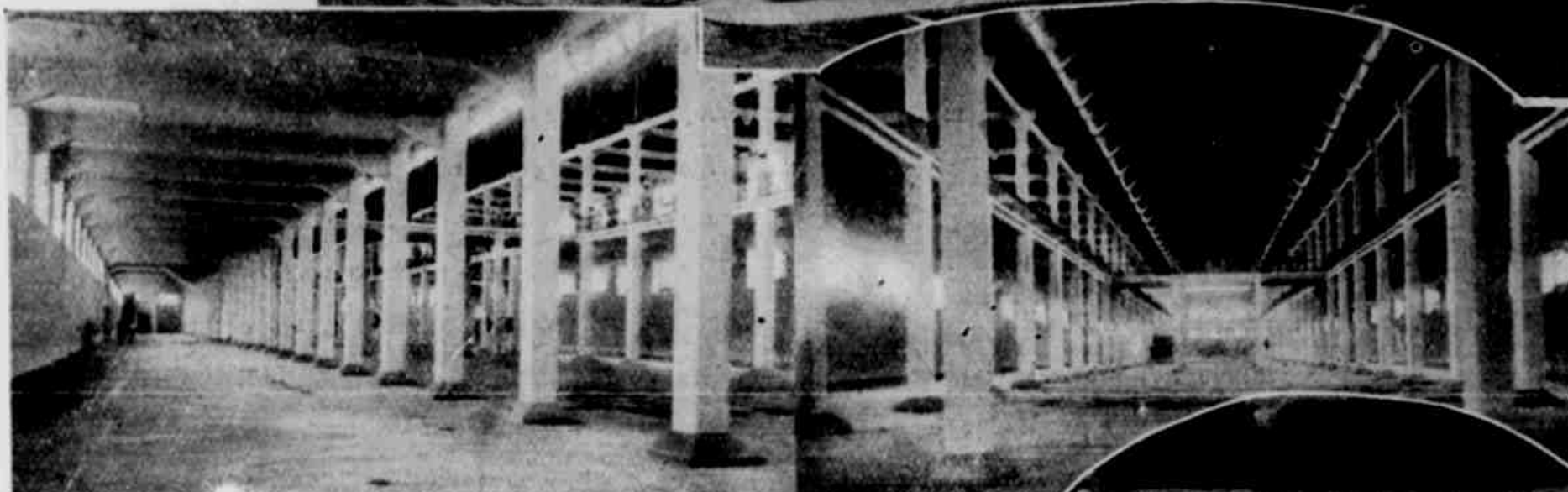
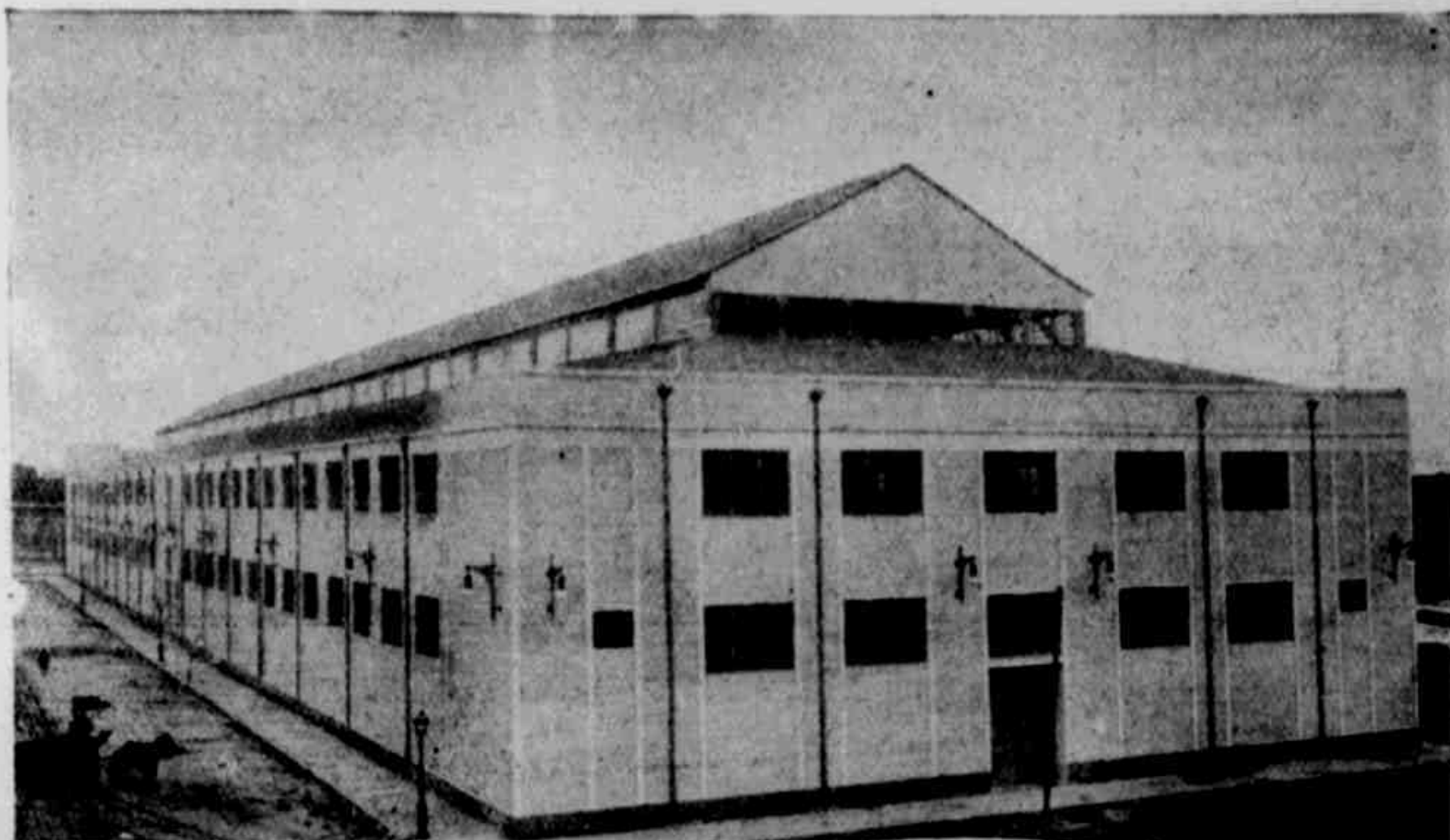
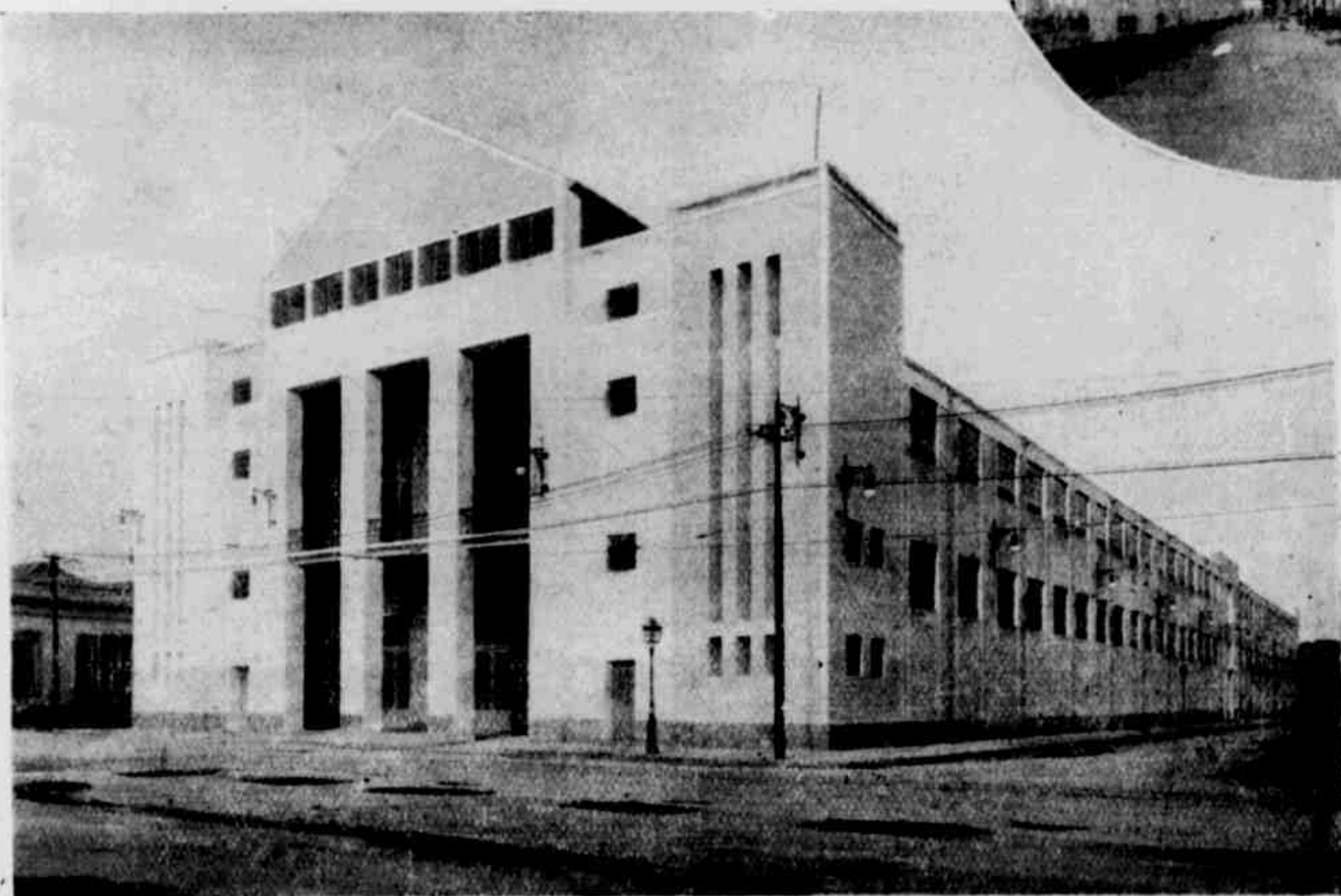
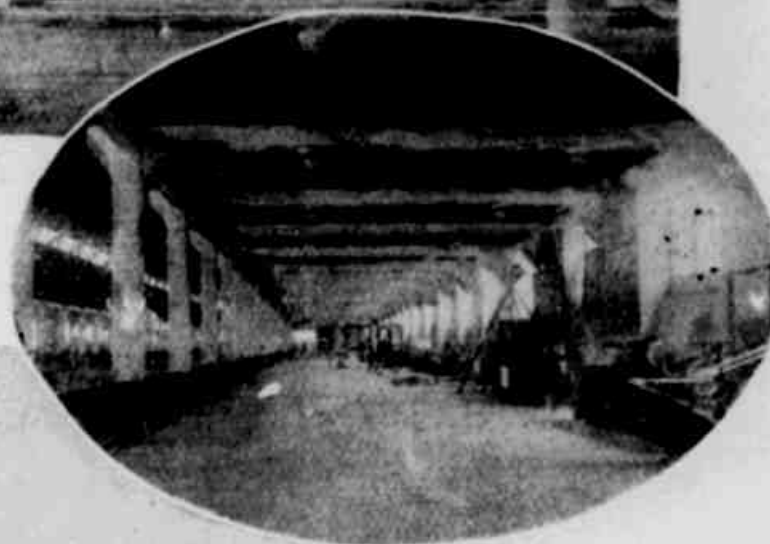
R. S. Club Gymnastico Portuguez

O lindo baile de anniversario

Em cima: a Directoria, o Sr. ***Embaixador*** *de Portugal e a Senhora Duarte Leite. Em baixo: um grupo de senhorinhas das muitas que encantaram os salões do Club.*

Banquete no Jockey Club em honra do Sr. Professor Laudelino Freire.

AS OBRAS DO MINISTERIO DA GUERRA

UM ARMAZEM DE TRANSITO

Foi inaugurado, ha dias, o armazem do cáes do Porto destinado ao transito de material e de homens, que o Ministerio da Guerra encommendára á Companhia Constructora de Santos. De construcção solida, uma área de cerca de nove

Em cima e em baixo: dois aspectos do exterior do deposito de material bellico, no cáes do Porto, feito pela Companhia Constructora de Santos. As outras photographias mostram trechos do interior do mesmo edificio

mil metros quadrados occupa esse armazem, que se destina tambem ao serviço de recepção de contingentes de praças, vindas dos Estados, bem como ao armazenamento das suas bagagens.

Aspecto geral das usinas da Companhia Brasileira Electro - Metallurgica.

UMA VISITA MEMORAVEL ÁS USINAS DE RIBEIRÃO PRETO

Quando esteve ultimamente em São Paulo, o Sr. Presidente da Republica foi visitar as grandes usinas metallurgicas de Ribeirão Preto, em companhia dos Srs. Presidente do Estado e Ministros da Viacção e Marinha.

O trem especial que conduzia S. Ex. e a sua comitiva chegou a Paula Thereza, na manhã de 21 de Outubro. Ahi, mudaram de trem, tendo-se juntado aos illustres viajantes os Srs. directores da Metallurgica, Srs. Meira Junior e Flavio Uchôa, o prefeito e o bispo de Ribeirão Preto.

Chegando ás Usinas, os excursionistas iniciaram as visitas pelos laboratorios, que foram percorridos demoradamente. Seguiram depois para as installações, onde os Srs. Epitacio Pessôa e Washington Luis tiveram occasião de assistir o funccionamento geral das machinas, como a passagem do aço derretido do grande forno para as bigoteiras, cuja ligação para a entrada dos lingotes nos limadores foi feita pelo Sr. Dr. Epitacio Pessôa.

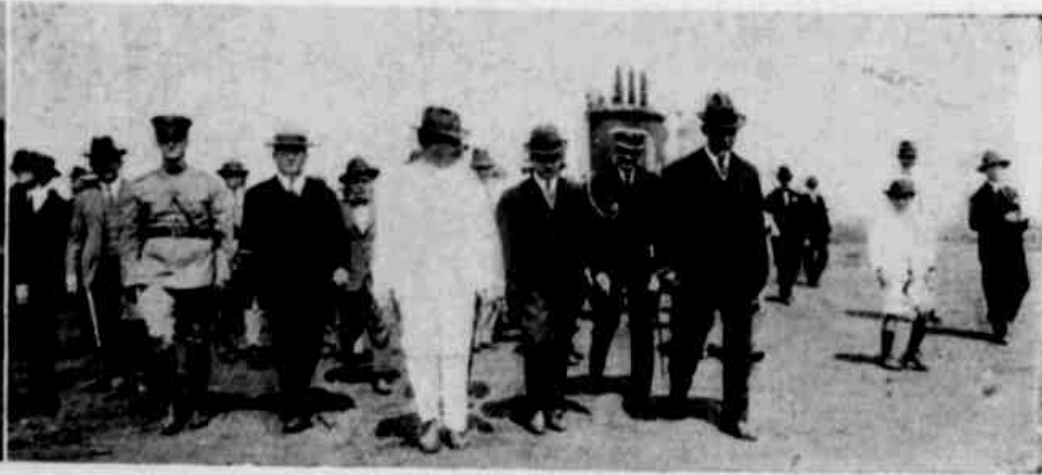
Realisando-se ás 14 horas o almoço offerecido aos visitantes, falou o Sr. Meira Junior, director da Metallurgica, sobre a visita ás usinas que acabavam de ser inauguradas, saudando em seguida ao Sr. Presidente da Republica.

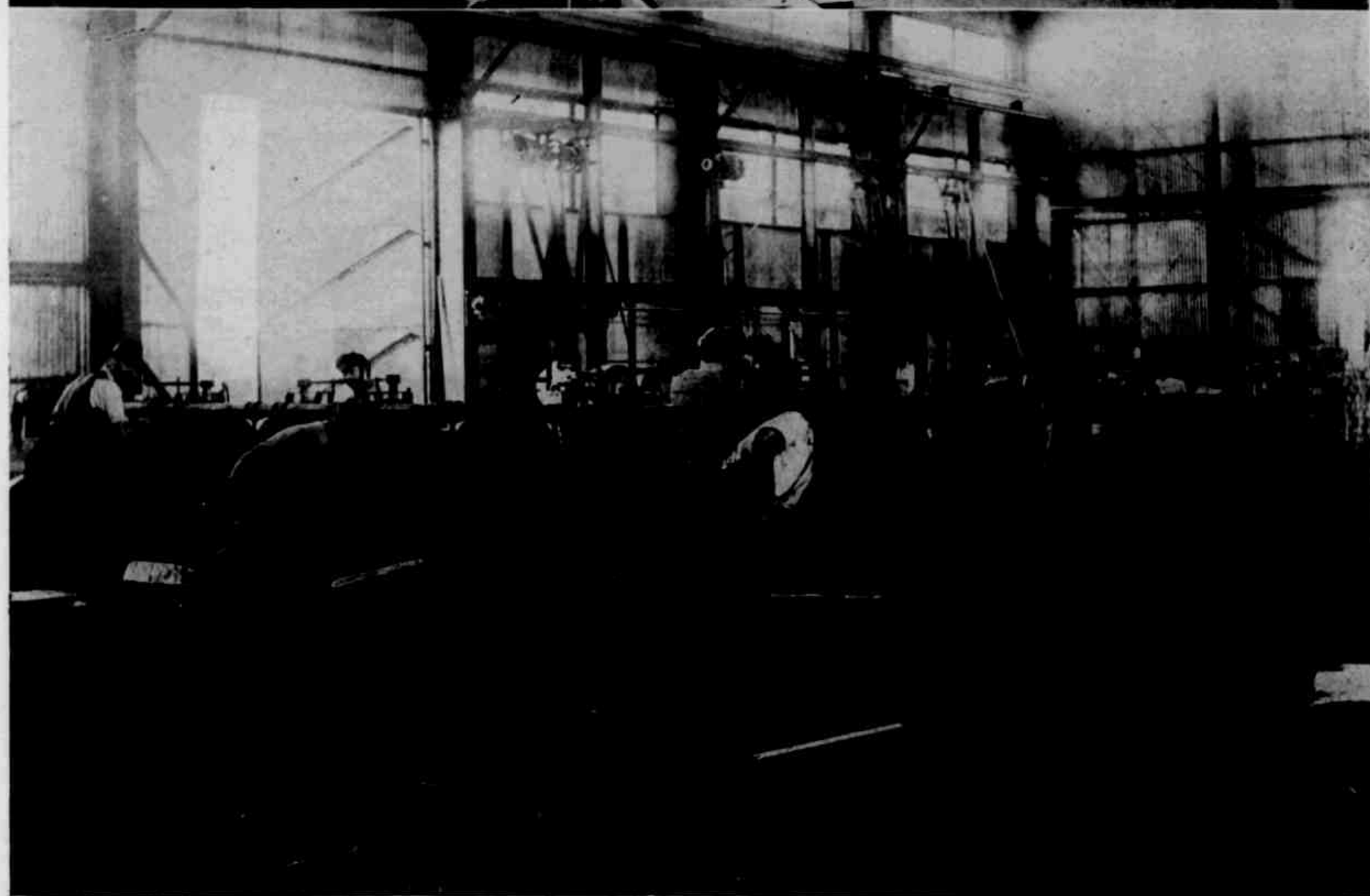
A usina da Companhia Electro - Metallurgica Brasileira possue dois altos fornos suecos e dois conversores "Bessemer"; possue ainda um pequeno forno "Ludlum", dois outros para o reaquecimento dos lingotes e um apparelhamento completo de laminação. Demais, a Metallurgica possue os maiores transformadores da America do Sul.

A producção do aço, em 24 horas, póde attingir a cincoenta toneladas, sendo que a usina é dotada de tesouras, prensas, tornos, guindastes, etc.

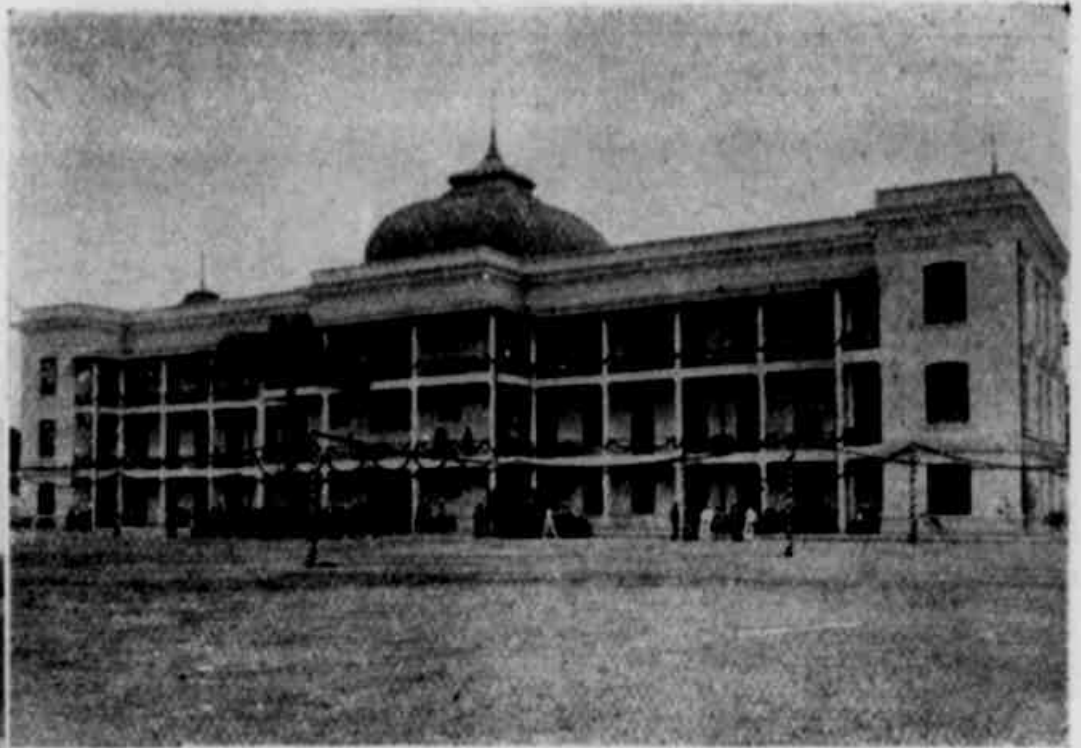
O minerio de ferro, com a percentagem de 68 °|° de metal, provém das jazidas do "Morro do Forno", em Jacuhy.

Todas as installações são de valor superior a 12 mil contos.

A directoria da Metallurgica é constituida pelos Srs. Dr. João Alves Meira Junior, presidente; Dr. Flavio Uchôa, fundador e maior enthusiasta da idéa, director technico; Dr. Caio da Silva Prado, secretario.

Inicio da visita official — Os Srs. Presidentes da Republica e do Estado de São Paulo começando a visita ás usinas.

Aspectos do interior da importante usina da Companhia Brasileira Electro Metalurgica, de Ribeirão Preto

O MAIS BELLO QUARTEL DO RIO

O Sr. ministro da Guerra acaba de inaugurar o mais bello quartel do Rio: o do 1º Regimento de Cavallaria Divisionaria, á Avenida Pedro Ivo.

Revestiu-se o acto da solemnidade que o mesmo exigia, sendo assistido pelos Srs. presidente da Repu-

Fachada do Quartel do 1º Regimento de Cavallaria, obra da Companhia Constructora de Santos.

blica, ministro da Guerra, altas patentes do nosso Exercito e innumeras familias.

Com a chegada do Exmo. Sr. presidente, ás 14 horas, teve inicio a cerimonia que consistiu na leitura da ordem do dia e da assignatura da acta da inauguração do quartel.

O commandante do Regimento, o coronel Santa Cruz, saudou em seguida o Sr. Presidente, que respondeu agradecendo os serviços prestados ao governo pelo coronel Santa Cruz, elogiando a unidade do seu commando.

Visitaram os presentes, em seguida, o novo quartel, que causou em todos a melhor impressão possivel, por isto que, dentre todos executados pelo ministro Calogeras, o quartel do Primeiro Regimento de Cavallaria é uma das construcções mais completas no genero.

Compõe-se de um grande pavilhão principal, de 3 pavimentos, com 80 metros de comprimento, onde ficam installadas a administração do Regimento, prisões, enfermarias, os casinos de officiaes e o do sub-officiaes. Quatro pavilhões de alojamento, de 2 pa-

vimentos, tendo no andar superior os alojamentos e nos andares terreos depositos, salas de rancho e officinas.

Interiores do Quartel, no dia da inauguração.

Ha ainda 2 pavilhões picadeiros e 10 pavilhões de baias.

Das mais modernas disposições está provido o quartel, tendo cozinha e lavanderia a vapor e amplas installações sanitarias, ruas pavimentadas e um grande pateo central destinado ás manobras.

Possue ainda o quartel mais um pavilhão de exercicios, que serve de deposito de arreios, ferragens, etc.

Com o presente, pois, vem o Sr. Ministro da Guerra juntar mais um melhoramento á grande lista dos que já tem realizado neste governo.

No rink do C. R. Flamengo — Grupo dos "artistas" que tomaram parte, com grande successo, na "Hora da Camaradagem", sabbado passado.

Na Exposição Internacional do Centenario — Um trecho da Avenida das Nações.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DO
CENTENARIO

Abertura ás 14 horas

Encerramento ás 23 horas

Entrada 1$000

Portões de entrada : Avenida Rio Branco e Mercado Novo.

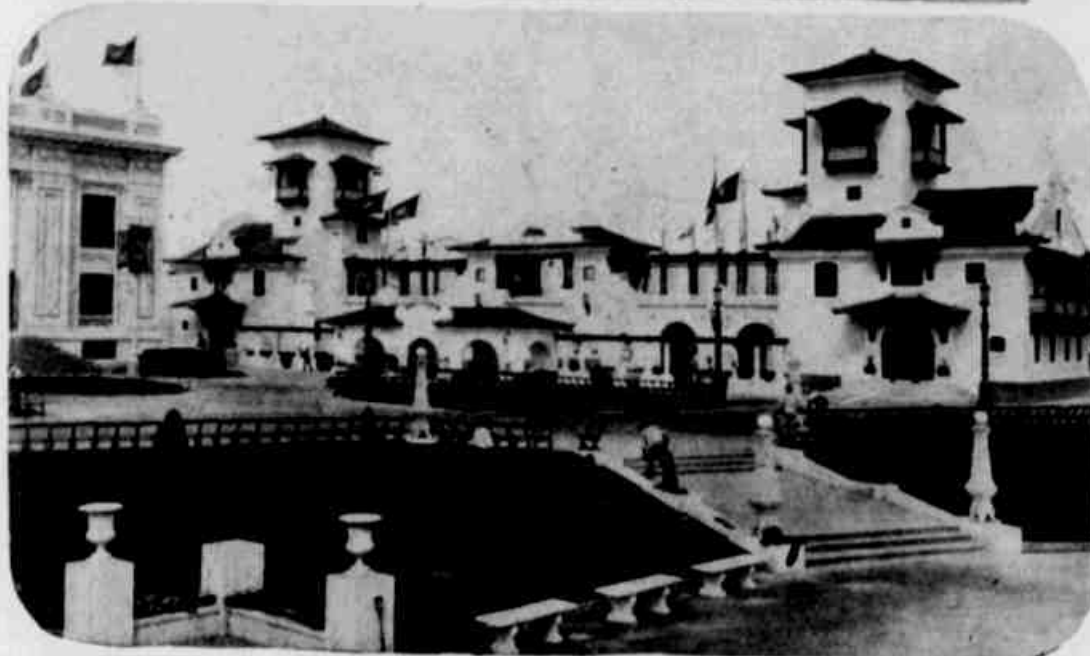
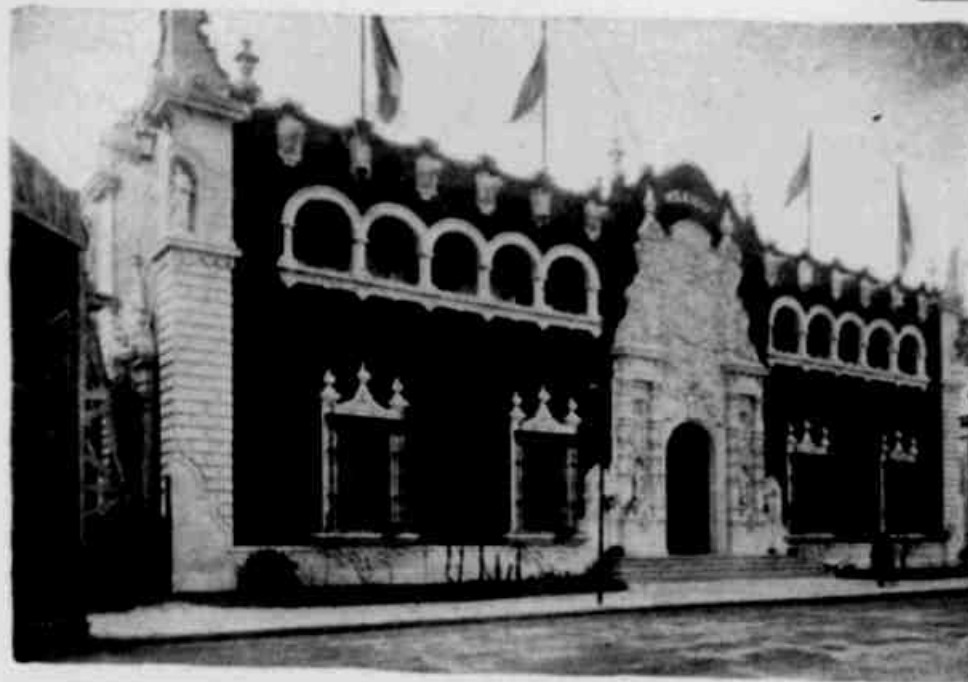
Pavilhões estrangeiros a serem visitados diariamente até ás 19 e 22 horas — Inglaterra, Italia, França, Japão, Mexico, Belgica, Tcheco-Slovaquia, Dinamarca, Suecia, Noruega e Hollanda.

Pavilhões nacionaes a serem visitados diariamente até ás 22 horas—Grandes Industrias, Annexo, Districto Federal, Pequenas Industrias, Estatistica e Caça e Pesca.

Bandas de musica do Exercito, Policia e Bombeiros.

Lindo passeio maritimo Cinema ao ar livre, junto ao pavilhão inglez.

Labyrintho — Estrada de Ferro Liliputiana.

Bars, Restaurantes—Auto-omnibus.

Importante secção da Exposição á Praça Mauá. Pavilhões a serem visitados : França, Belgica e Luxemburgo.

AVISO AO PUBLICO

A' entrada da secção da Exposição á praça Mauá, os "coupons" dos visitantes serão picotados afim de que os mesmos possam dar entrada no recinto da Exposição da Avenida das Nações.

Os visitantes da Exposição da Avenida das Nações receberão ao entrar um ingresso especial gratuito para a secção da Praça Mauá.

CONRAD NAGEL, AUXILIANDO O "MAKE UP" DE SUA ESPOSA RUTH HELMS

Malta

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

ASPECTOS DO DIA CONSAGRADO AO MEXICO

A excellente banda do Estado-Maior Mexicano

Em cima: As bandeiras do Mexico e do Brasil sendo içadas

Instantaneo do concerto ouvido por milhares de pessoas

Em baixo: a orchestra typica mexicana no Palacio das Festas

ALLAN FORREST, JOGANDO A "MORRA" COM MARY MILES MINTER

CINEMA PARA TODOS...

REVISTA DEDICADA AOS INTERESSES DA CINEMATOGRAPHIA

REDACTOR-CHEFE OPERADOR	RIO DE JANEIRO, 11 DE NOVEMBRO DE 1922	COLLABORADORES VARIOS

A NOSSA CAPA

BILLIE BUSKE depo's de por muito tempo figurar em films, espec'almente em uma ser'e de comedias da Paramount desappareceu subitamente, quasi sem deixar vestigios. Casada com Ziegfeld, o amavel introductor de pequenas bon tas no genero variedades, que explora em seus theatros, a linda loura talvez esteja hoje a dirigir o gentil rancho. Pois olhem que Bill'e tinha seus apreciadores, lá isso tinha...

No proximo numero : CHARLES RAY.

✣ ✣ ✣

Chronica

Fitas...

Ainda uma vez...
Os Srs. Rombauer & C., ou por outra um tal Hermann, socio
daquella firma, não tendo gostado do que no ultimo numero desta
revista publicámos a respeito do seu decantado producto Dr. Ma-
buse, veio pelos annuncios dos jornaes affirmar que a nota dada
como opin'ão da crit'ca franceza, *uma vez que não lhe haviamos*
declinada a origem, era evidentemente apocrypha ; e mais, que a
nossa critica sobre os seus films era suspeita visto haver elle-
Hermann, recusado uma gentil proposta *que lhe haviamos feito*
de tomar á nossa conta a réclame da referida producção pela
quantia de nove contos de réis.

Isso é grave e merece resposta.

Vamos por partes, porém.

✣

A critica que publicámos sobre o Dr. Mabuse *sahiu no* Echo
de Paris, *assignada por Gaston Tournier, jornalista francez, en-*
viado a Munich para assistir á Semana Cinematographica, *especie*
de feira livre da cinematographia. Diz textualmente :

> **LE DOCTEUR MABUSE n'est qu'un**
> **film policier en deux parties. C'est une**
> **oeuvre assez bonne au point de vue techni-**
> **que mais dont le sujet confus et mélodra-**
> **matique est depourvu de tout interet."**

Quem quizer verificar a fidelidade da transcripção basta re-
correr á C'nematographie Française, *n. 200, de 2 de Setembro de*
1922,pag. 44, 1a columna, linhas 40 a 44.

A nossa traducção não podia ser mais fiel do que foi :

> " O Dr. Mabuse, o jogador *é um film poli-*
> *cial em duas partes ; bom no ponto de vista da*
> *technica cujo enredo confuso porém, e melodra-*
> *matico é desprovido de todo interesse."*

Poderiamos ter sido tradittori. *Não o fomos. Ahi fica feita*
a prova de authenticidade que Hermann desejava.

✣

Entremos agora pela segunda parte.
Não é a primeira vez que nos latem ás canellas semelhan-
tes proposições calumniosas. Mais de uma temos reppellido victo-
riosamente essa onda de lama que os interesses feridos contra
nós levantam. Vá lá mais esta...
A critica desta revista não se subordina, nunca se subordinou
e jámais se subordinará a interesses de terceiros. E' nisso justa-
mente que repousa a nossa força, e firma-se o nosso credito. Não
ha importador ou exhibidor de rebutalhos dos mercados cinema-
tographicos que tenha, uma por outra vez, deixado de se zangar
com a franqueza com que, para bem servir ao publico, externamos
nossas opiniões.
Aquelles porém, que agem honestamente não visando lesar
ou ludibriar o publico, impingindo-lhe como legitimas obras pri-
mas as varreduras do commercio cinematographico, só tem tido
por que se louvar com a nossa franqueza e absoluta isenção de
animo.
Que diga o Sr. Serrador cujos programmas outr'ora critica-
mos duramente e hoje só merecem nossos louvores, com raras
excepções, quanto lhe custou essa nossa mudança de opinião. Tem
a palavra o Sr. Serrador !
Que diga a Agencia Paramount *quanto tem pago a esta re-*
vista pelos elogios merecidos de seus excellentes films.
Que venha falar o Sr. Vinhaes.
Que diga o Sr. Bickarck, representante da Goldwyn e im-
portador de films variados, suecos e allemães, o que aos seus co-
fres têm custado as referencias lisongeiras a essa producção.
Esperamos as revelações sensacionaes do Sr. Bickarck.
Que digam os Srs. Mac Ferrez & Filhos, dos dinheiros por
elles consumidos em compensar o bom recebimento dos films da
Pathé e Associated Exhibitors. Aguardamos esse depoimento.
Os films da United Artists, marca novissima em nosso mer-
cado foram, pode-se assim dizer, lançados quasi por esta revista.
Venham a publico os seus representantes no Brasil declinar
a somma empenhada nessa réclame.
Mesmo a Fox, por cuja Agencia não anda Para Todos... *em*
cheiro de santidade, vê de quando em quando um dos seus films
francamente elogiado. Isso acontece raramente é verdade, mas
a culpa não é nossa.
O Sr. Rosenwald dirá o que tem pago por esses louvores.
Os Srs. Arietta & C., representantes da Corporacion Argen-
tino-Americana de Films, *poderão dizer da mesma sorte quanto*
lhes tem custado os elogios feitos ás producções da Associated
Producers e Hodkinson, *que no Brasil passam, por seu intermedio.*
Da mesma forma a Universal.
A firma Rombauer & C., ao tempo em que era seu gerente o
Sr. Tibor Rombauer, cavalheiro delicado, de trato distincto, a per-
feita antithese desse Hermann, naturalmente despendeu gros-
sas sommas com o pagamento dos elogios que fizemos a Mme.
Dubarry, Veritas V'nc't, Anne Boleyn, Sumurum, Sapho, *etc., etc.*
— Recorra Hermann aos livros da firma e revele ao publico a
quantia exacta.

✣

Temos dito e repetido muita vez — a nossa critica indepen-
de dos interesses do balcão, não se bitola pelo lucro possivel
da materia paga que Para Todos... *jámais licitou e custa a per-*
mittir em suas paginas — Se outra fosse a nossa orientação men-
tiriamos ao publico e este abandonaria esta revista. O seu suc-
cesso crescente porém, a sua prosperidade visivel, as successivas
transformações para melhor por que tem passado, indicam justa-
mente o contrario : os nossos leitores concordam plenamente com
ella, porque a sentem, por que a sabem honesta e digna. Nem
todos os Hermanns juntos, daquem e d'além mar conseguirão
abalar os solidos creditos do Para Todos...

✣

As officinas em que se imprime esta revista fizeram ha tem-
pos para a firma Rombauer & C., alguns milheiros de gravuras,
retratos coloridos de artistas allemães, que foram distribuidos ao
publico no Cine Palais. Pagou tal trabalho, naturalmente quem
o encommendara. Esse negocio, de natureza exclusivamente com-
mercial, nenhuma influencia teve e nem podia ter na critica,
do Para Todos... *A cotação dos films allemães exhibidos no*
Cine Palais manteve-se na mesma media — mediocre ou pouco
mais.
Em principio do mez passado mandou a firma Rombauer so-
licitar preços á referida officina para um folheto em côres, al-
guns milheiros de exemplares, para réclame do film Dr. Mabuse.
A encommenda poderia attingir a nove ou dez contos. Parece
porém que ao bestunto de fulão Hermann havia chegado a con-
vicção de que desde que elle se predispunha a tratar um negocio
com a officina typographica o criterio do nosso critico devia
consequentemente variar. Tal não succedeu, porém. Os films do
Palais continuaram a ter cotação identica á obtida pelos ante-
riores.
D'ahi, Hermann ter subido ás nuvens, chegando a sua
ousadia ao ponto de dizer ao encarregado da encommenda (que
nada tem com esta redacção), *quando ha dias lhe foi levar o*
orçamento pedido que publicaria nos jornaes que a critica do Para
Todos... *se explicava por haver elle, o tal Hermann,* prohib'do a
entrada dos redactores desta revista nos salões do Cine Palais.
Sabedor depois, naturalmente pela gerenc'a do referido esta-
belecimento, de que os redactores do Para Todos... não se utili-
sam de bilhetes de favor, *pagando como o publico faz, a sua*
entrada, mudou de tactica, transformando um negocio entabolado
com as officinas com o departamento commercial, por sua inicia-
tiva, em uma gentil offerta nossa, *para fazer o* Para Todos... *ré-*
clame da sua bagaceira. Foi isso o que affirmou nos seus annun-
cios recem-publicados.
Está porém Hermann muito enganado comnosco. A sua insi-
nuação sobre falsa é calumniosa e ha de provar aquillo que
teve a petulancia de avançar contra a honestidade e a lealdade
dos que nesta casa labutam. Aqui fica o formal desafio.
Aliás não nos causa espanto o topete do homemzinho.
Quem para attrahir a clientella aos vasios salões do seu cine-
ma não se peja de pregar á porta, dando como scenas de um film
em exhibição (Le roi de Camargue), uma porção de gravuras do
Nud esthetique, *publicação que por ahi se vende clandestinamen-*
te, fazendo um appello aos sentimentos do mais repugnante sen-
sualismo do publico, tem forçosamente coragem para muito mais.
Mas comnosco, Hermann se enganou redondamente. Vamos
ajustar contas com elle, agora.

OPERADOR.

Um film monumental

Na proxima semana será exhibido nos cinemas Avenida e Ideal o primeiro dos grandes films que a *Efa* (Europaische Film Allianz) produziu por conta da grande marca americana *Paramount*.

Amores de Pharaó é o seu titulo; dirigiu-o o famoso director de scena, Ernest Lubitsch, que se celebrisou com *Madame Dubarry*, *Carmen*, *Sumurum*, *Martyrium*, *Anne Boleyn* e tantos outros films de successo; entre os seus interpretes contam-se artistas de fama como o inegualavel Emil Jannings, Paul Wegener, Dagny Servaes, Lyda Salmonova, Harry Liedtke, Albert Bassermann, etc.

Como em varios outros trabalhos anteriores (e isso demonstram as gravuras que nesta pagina publicamos), Lubitsch dirige com a sua suprema habilidade uma formidavel massa de figurantes, o que fórma um dos grandes encantos desse portentoso film.

O custo elevadissimo dos *Amores de Pharaó* (foi esse o film mais caro até hoje executado na Allemanha), justifica-se pela minucia da reconstrucção dos monumentos historicos das velhas civilisações do valle do Nilo. Templos, pyramides, esphinges, tudo foi reconstruido com aquelle cuidado e com aquella fidelidade historica que caracterisam os trabalhos desse grande director de scena.

Ha, entre outras, uma scena de batalha travada entre egypcios e ethiopes destinada a causar a mais legitima sensação.

De certo conseguirá attrahir no Rio de Janeiro os mesmos applausos que conquistou nas grandes cidades americanas, onde ainda triumphalmente se exhibe.

O enredo excellente, o desempenho soberbo, os scenarios admiraveis, a technica portentosa, a direcção inegualavel, de "Amores de Pharaó" vão constituir os motivos do seu triumpho junto á nossa platéa, hoje e cada dia que passa mais exigente em materia de films. Os dois cinemas que o vão exhibir conjunctamente, *Avenida* e *Ideal* hão de ter enchentes sobre enchentes attrahidos por esse grandioso espectaculo cinematographico que será um dos maiores da estação de 1922.

Um negocio lucrativo

(A YAME CHICKEN)

Film Realart — Producção de 1922

Direcção de Chester Franklin

DISTRIBUIÇÃO

Ignez Hastings. . . .	Bébé Daniels
Rush Thompson. . .	Pat. O'Malley
Josuah Hastings. . .	James Gordon
Camille Hastings. . .	Martha. Mattox
Juanita Martinez. . .	Gertrude Norman
José Maria Lavandera	Hugh Thompson
Yoyo.	Max Wheatemax
Marieta.	Mattie Peters
Capitão Snodgrass. .	Charles Force
Hiram Prondfort. . .	Edwin Stevens

A lei de 16 de Janeiro de 1920, que prohibiu a fabricação e venda de bebidas alcoolicas em toda a extensão do territorio dos Estados Unidos, não produziu o resultado que della se esperava. Pelas fronteiras do Canadá ou do Mexico, pelas costas do Pacifico ou do Atlantico, o alcool continuou a inundar a grande republica; o contrabando, revestido de todas as formas, desenvolveu-se de modo prodigioso, desafiando todas as providencias da policia. E, emquanto officialmente só se bebia agua mineral, o whisky continuava a jorrar para as gargantas sequiosas, estimuladas pela prohibição.

Das Antilhas principalmente, os navios seguiam-se aos navios, com carregamentos de bebidas, que iam desembarcar em qualquer praia deserta da vastissima costa do Atlantico. O preço altamente remunerador que alcançava o contrabando era de molde a seduzir, fortemente, os commerciantes das ilhas, que acabavam por ceder á poderosa tentação de transformarem-se em fabricantes de bebidas exclusivamente destinadas aos Estados Unidos.

O americano Josuah Hastings, estabelecido em Cuba desde muitos annos, não podia fugir á attracção do lucro facil e abundante. E, de parceria com José Lavandera, tambem americano, entregava-se de corpo e alma á lucrativa tarefa de burlar a lei.

Os fabulosos proventos auferidos de tal negocio crearam-lhe e á sua familia uma posição de destaque entre os mais ricos e considerados de Cuba. E a consideração de que gosava não era immerecida, como se poderá julgar. Josuah Hastings era dotado de solidos principios moraes e, só por aberração, ou talvez devido á logica infernal do seu socio, considerava o seu genero de negocio como o mais honesto do mundo. Que lhe importava a elle, americano de nascimento, mas cubano de adopção, com familia cubana, que lhe importava a elle uma lei promulgada pelo governo americano se não era ao governo que vendia os seus productos? Ao governo competia impedir a entrada no seu territorio da mercadoria indesejavel, que elle continuaria a vendel-a emquanto houvesse quem a consumisse.

A familia de Josuah Hastings compunha-se de quatro pessoas: sua mulher, Camille Hastings; sua filha Ignez e sua sogra, Juanita Martinez.

Ignez era o idolo da casa. Sua mãe adorava-a, seu pae satisfazia-lhe os menores caprichos. E, quando alguma travessura da rapariga lhe fazia a testa franzir-se em rugas de descontentamento, Ignez sabia fitar-lhe uns olhos tão candidos, tão limpidos, tão irresistiveis, que toda a severidade se lhe tornava impossivel. E não é que ella não merecesse, frequentemente, alguma reprehensão; era a moça mais travessa, mais endiabrada que se póde imaginar. Adorando as brigas de gallos, não trepidava em abandonar a casa tarde da noite, pela janella, com trajes masculinos, para correr, em companhia de Joãosinho, o filho da caseira, a assistir ás rinhas travadas entre os mais valentes gallos de Cuba.

Foi em uma dessas rinhas que ella viu, pela primeira vez, Rush Thompson, um detective americano em missão especial de repressão do contrabando de bebidas alcoolicas. O rapaz se sentiu immediatamente attrahido para aquelle rapazinho de feições delicadas e pelle de mulher, tão differente dos homens brutaes e grosseiros que o cercavam. E foi com a mais agradavel das sorpresas que viu, a um brusco movimento da multidão, cahir-lhe o chapéo de largas abas e espalhar-se sobre as vestes masculinas uma onda de cabellos negros e sedosos. De chofre se apercebeu do perigo que corria a rapariga, só e sem defesa, no meio daquella turba, a que a revelação do sexo da moça incendiava os olhos. Em um momento, achava-se ao seu lado e, travando-lhe do braço, perseguido pelos homens bestialisados ante a perspectiva da presa, lançou-se para fóra. Ao encontro providencial de dois cavallos deveram elles a salvação. O cavallo que Ignez montava, mais veloz do que o seu, fez com que, ao chegar á casa da moça, esta já houvesse galgado a janella.

Ella voltou-se para agradecer-lhe e elle perguntou:

— Permitte que a torne a ver?

Ignez era o idolo da casa

Ella meneou a cabeça negativamente; depois, vendo a tristeza que se espalhava no rosto do rapaz, corrigiu:

— Talvez.

E colhendo uma rosa, da roseira que se insinuava por entre as grades da janella, beijou-a e deixou-a cahir. Rush Thompson apanhou a flor no ar e apertou-a contra os labios, emquanto ella fugia para dentro.

No dia seguinte encontraram-se como por acaso, nas proximidades da casa de Hastings, e assim em todos os dias subsequentes. Faziam longos passeios a cavallo ou a pé, de mãos dadas, enlevados no seu amor, sem cuidados e sem preoccupações, esquecidos do resto do mundo.

Quem não se conformava com esse estado de coisas era, porém, José Lavandera. Pedira Ignez em casamento e fôra recusado. Josuah Hastings, que o conhecia de sobejo, respondera-lhe com toda a franqueza:

— Não. És um socio magnifico, mas sei que serás um genro detestavel.

Em vão Juanita Martinez se empenhava para que o pretendente fosse acceito; seu genro não recuava. E, não obstante todas as crises de nervos que se seguiam ás suas recusas, respondia sempre:

— Nunca darei minha filha a um homem como Lavandera.

— A familia de José Lavandera descende de uma das mais nobres da Hespanha, contrapunha a sogra.

— Asneiras, replicava elle. — Lavandera é um homem que só tem aspirações quando não ha obstaculos a vencer. Nunca será meu genro.

Um dia, a senhora Martinez usou de uma nova arma, provavelmente fornecida por Lavandera.

— Eis o resultado da liberdade que dá á sua filha — disse ella ao genro. — Ignez tem ido passear todos os dias com um homem desconhecido!

Interrompeu-se para ver o effeito que produziriam suas palavras. Hastings voltára a cabeça ao ouvil-a e fitava-lhe um olhar interrogativo.

— E' a pura verdade, proseguiu ella. — Se já a tivesse casado não aconteceria isso. E que marido melhor do que José Lavandera poderá ella encontrar?

Josuah Hastings não respondeu logo. Pensava na revelação que acabava de fazer a senhora Martinez e reflectia no meio a empregar para pôr cabo ás leviandades de Ignez. Depois de alguns momentos de silencio, declarou pausadamente, accentuando as palavras:

— Basta de discussões. Ignez partirá para a America do Norte no primeiro navio que daqui sahir.

— E eu irei com ella, já que ninguem me ouve nesta casa, resmungou a anciã, batendo com a bengala na mesa.

Nessa mesma tarde, ao voltar para casa, Ignez recebia ordem de preparar-se para a viagem. O navio devia partir dois dias depois; havia, pois, tempo de despedir-se de Rush Thompson, o que ella fez em uma longa carta, cheia de palavras ternas e regada de lagrimas sinceras. Thompson, porém, é que se não conformou com isto. A moça empregava-se em arrumar a sua roupa quando um assobio agudo, de modulação especial, muito conhecido della fel-a correr á janella.

— Ah! eu bem sabia que havias de vir, disse ella apertando a mão de Rush, que havia galgado a janella.

— Sim, vim dizer-te adeus, isto é, adeus não, porque em breve nos tornaremos a ver na America do Norte.

A voz aflautada da senhora Martinez, chamando Ignez, veiu interrompel-os.

— Adeus, adeus, foge Rush, que a avó vem ahi.

— Até a vista, meu amor — respondeu elle, apertando-a nos braços.

Uma semana depois, quiz a Fortuna que o commandante de uma das escunas de Hastings, embriagado, revelasse o segredo do carregamento do seu navio na presença de Thompson. Lavandera, que presenciára o facto, desconfiado do rapaz, atacou-o com dois dos seus empregados. Thompson conseguiu escapar graças á sua força e agilidade, mas não poude impedir que o seu cartão de detective do governo cahisse em poder de Lavandera.

Inquieto com o possivel aprisionamento do contrabando, José Lavandera resolveu embarcar na escuna para dirigir, pessoalmente, o desembarque da carga.

Em Stony Point, ao norte da costa do Atlantico, na residencia de Hiram Prondfort, parente de Camille Hastings e seu socio, Ignez e sua avó passavam dias aborrecidos, amenisados apenas pelos passeios através os campos floridos.

Em um desses passeios, ao voltarem para casa, já na entrada da quinta de Hiram Proudfort, Ignez teve a grata surpresa de encontrar Thompson. Não obstante o glacial acolhimento da senhora Martinez, acompanhou-as até á porta, onde a anciã, julgando-se seguida da neta, os deixou sós.

Os dois namorados só se separaram depois de marcado um encontro para essa mesma noite, na enseada que ficava a alguns passos da casa.

Ao entrar em casa, a alegria da moça desappareceu ao ver José Lavandera conversando com sua tia. Quiz subir, furtivamente, ao seu quarto, mas a avó chamou-a. Lavandera fôra testemunha do encontro de Thompson com Ignez e, assim, logo que a senhora Martinez sahiu da sala, encaminhou-se para a moça, dizendo-lhe:

— Como é possivel que a senhora se deixe illudir por esse homem desconhecido? Não sabe então que é um detective, que só procura ganhar a sua confiança para prender seu pae?

Ignez encarou-o com os olhos fuzilantes de indignação.

— Mente!

— Aqui está o seu cartão. Leia. Ella leu: "Rush Thompson, detective do governo, em missão especial de repressão do contrabando de bebidas alcoolicas".

Lavandera sorriu ao ver a contracção da physionomia da moça. Sentia um prazer immenso em torturar aquella que o desprezára; não a amava, mas faria tudo para casar com ella, pois, ambicio-

Vem a meus braços, minha querida noiva

samente, tinha em mira os milhões de Hastings.

Hiram Proudfort entrou nesse momento.

— Não podemos descarregar a escuna. Esse detective vae apanhar-nos com a bocca na botija.

Ignez conseguira dominar a sua dor. Desejava agora vingar-se do homem que zombára della, fazendo-a corresponder a um amor que não existia.

— Deixem isso por minha conta, declarou. — Esse espião faz tudo que eu quero.

Em poucos momentos ficou combinado o plano para inutilisar a acção da policia.

Quando Thompson chegou ao logar da entrevista, já ali encontrou a moça. Ignez levou-o em direcção a um grupo de rochedos que bordavam a praia. Como Rush pretendesse abraçal-a, ella o repelliu violentamente.

— Então, senhor espião, finge amar a filha para prender o pae, não é?

— O que? — balbuciou o rapaz attonito.

— Aqui tem o seu cartão; se não o tivesse perdido ainda acreditaria nas suas mentiras.

Elle ia falar, justificar-se, mas um golpe tremendo na nuca fel-o cambalear e cahir desmaiado. José Lavandera e alguns homens amarraram-n'o solidamente. Ignez murmurou:

— Lembre-se que me prometteu não o maltratar.

José Lavandera não respondeu e deu ordem de transportar o rapaz para uma das canôas encalhadas na areia.

Mas todas as providencias haviam sido tomadas pelo detective. Quando a carga, depositada na praia, começava a ser transportada para o deposito de Proudfort, uma turma de agentes, armados de fuzis, cahiu sobre os contrabandistas. Depois de um curto combate, a maior parte delles se achavam manietados. Mas o chefe conseguira fugir. Arrastando Ignez comsigo, Lavandera embarcou precipitadamente e ganhou a escuna.

— Ao largo — ordenou elle ao commandante. — Ao largo, se não quizermos ser apanhados. E tu — continuou

Esquecidos do resto do mundo...

elle para o commandante — quando chegarmos a Cuba, has de te arrepender de não haveres nascido mudo!

Rush Thompson fôra levado para uma camara e atirado a um canto. Ahi o foi encontrar Ignez, arrependida já de haver confiado na palavra de Lavandera. Que iria fazer delle, sem defesa, aquelle homem brutal, cruel e sem escrupulos?

Thompson recuperára os sentidos logo que a espuma das ondas lhe havia salpicado o rosto, na canôa. Ao ver approximar-se a moça, fechou os olhos e voltou o rosto para o outro lado. Ella passou-lhe a mão no braço e murmurou com tanta tristeza na voz que elle se sentiu tocado:

— Confesso que fiz mal. Mas podia eu deixar de acreditar no que me dizia José Lavandera? Só me lembrei de meu pae, que podia ser preso...

— Ainda bem que os encontro juntos, — chacoteou da porta a voz de Lavandera. — O sr. Thompson vae acompanhar-nos durante a nossa lua de mel!

— Senhor! — exclamou Ignez, revoltada, ao passo que um terror louco se apoderava della.

— Vem a meus braços, minha querida noiva; — e dizendo isto, Lavandera procurava abraçal-a. A resposta foi uma bofetada, que lhe flagellou as faces.

— Ah! — rugiu elle — é assim que me recebes? Pois fica sabendo que has de ser minha, quer queiras quer não. Quanto a esse espião, vae ser torturado até a morte.

Precipitou-se para fóra, voltando logo, acompanhado de cinco marinheiros. O rapaz foi levado para o convés e amarrado pelos pulsos e a corda suspensa acima das vergas. A moça correu para o commandante, que, depois da ameaça de Lavandera, se conservava sombrio e preoccupado.

— José Lavandera está louco — gritou ella — se elle mata o detective, vocês todos serão enforcados.

— Por Satanaz que não ha de ser assim — bradou o homem correndo para Lavandera. Com um empurrão brutal fez rolar o miseravel pela coberta. Os marinheiros conservaram-se immoveis e estupefactos.

— Todos a seus postos! — bradou o commandante — Quem manda aqui sou eu.

Ignez aproveitára-se da quéda de Lavandera para cortar a corda que prendia Thompson dois pés acima do chão. O commandante retirára-se com os marinheiros; Lavandera levantou-se e atirou-se contra Thompson. Eram ambos robustos e resistentes. A luta prolongou-se, aos olhos de Ignez, cheia de terror. Com um movimento involuntario, sem saber o que fazia, ella lançára ao chão uma lampada accesa; o oleo inflammado espalhara-se rapidamente, e, em poucos momentos, os lutadores estavam envolvidos pelas chammas. Desvencilhando-se, em um supremo esforço, dos braços de Lavandera, Rush lançou-o no meio da fornalha.

(*Termina no fim da revista*)

Os gallos de briga

OTHELLO

Film da Worner — Producção de 1922

DIRECÇÃO DE DIMITRI BUCHOWETZKI

DISTRIBUIÇÃO

Othello.	EMIL JANNINGS
Desdemona. . . .	ICA V. LENKEFFY
Iago.	Werner Krauss
Cassio.	Theodor Loos
Rodrigo.	Ferdinand v. Alten
Brabantio.	Friedrich Kühne
Montano.	Magnus Stiffer
Lucia.	Lya de Putti

Coroado de louros, aureolado de gloria, cercado do prestigio das victorias conquistadas sobre o exercito de Milão, Othello Del Moro, generalissimo de Veneza, era aguardado no palacio do Doge. Ladeado pelos senadores, o Doge esperava o mouro invencivel para dar-lhe os agradecimentos da Republica de Veneza e offerecer-lhe a armadura de ouro de Colleoni. Nos salões do palacio, a multidão dos aulicos, anciosa, prestava ouvido attento ao rumor longinquo das acclamações que saudavam o vencedor. Como trovão que se approxima, os brados da multidão vinham crescendo, rolando pelos canaes, intensificando-se até ecoarem sob as arcarias do palacio. Othello chegava.

Deixa do fóra o seu sequito brilhante, acompanhado unicamente por Cassio, o Mouro assomou á porta e adiantou-se vagarosamente entre as alas dos cortezãos, até o atrio, onde o esperavam, de pé, o Doge e os senadores.

Ali chegado, o Doge tomou a palavra:

— A Republica de Veneza vos agradece, senhor, o vosso ultimo feito. A altiva Milão jaz vencida a nossos pés. Gloria ao valente leão de São Marcos!... O Senado vos offerece a armadura de ouro de Colleoni e vos autoriza a indicardes quem desejaes que tome o logar vago de vosso logar-tenente. Aquelle que desejardes será o escolhido.

— Ninguem mais merecedor dessa honra do que Cassio, respondeu o general, pousando a mão no hombro do joven official.

Cassio inclinou-se para beijar-lhe a mão. Mas o mouro não o via mais. Os seus olhos, desde alguns momentos, não se desprendiam de Desdemona, a filha do senador Brabantio, a mais bella das venezianas. Fascinado pelos grandes olhos azues, os bastos cabellos louros, a pelle alvissima da bella veneziana, o mouro encaminhou seus passos para a filha do velho Brabantio. Ella levantou-se para recebel-o e escutou palpitante a voz daquelle homem que, ha muito, povoava os seus sonhos de virgem, seduzida pelas narrativas dos feitos heroicos do mouro. A admiração apaixonada que transparecia nos seus olhos inquietou seu pae, que não admittia a possibilidade da alliança entre a familia de um senador e um aventureiro como Othello.

— Minha filha, — disse-lhe elle, apenas Othello se retirou — não quero que tu, a filha de um senador, acceites os galanteios de um aventureiro.

Desdemona baixou os olhos sem responder. Depois murmurou, com um accento tão doloroso na voz que seu pae sobresaltou-se:

— Meu pae, estou fatigada; peço-te que me leves para casa.

— Não posso deixar o palacio agora, filha: mas tu, vae para casa.

Othello conversava com Cassio. A belleza de Desdemona produzia-lhe uma impressão inapagavel; amava-a com todo o ardor do seu coração, com toda a força do seu sangue mouro. Cassio procurava conter-lhe a exhuberancia com que patenteava o seu amor, fazendo-lhe observar o logar em que se achavam. Ao ver retirar-se a donzella, Othello terminou:

— Vae, meu Cassio, tu a raptarás por mim!

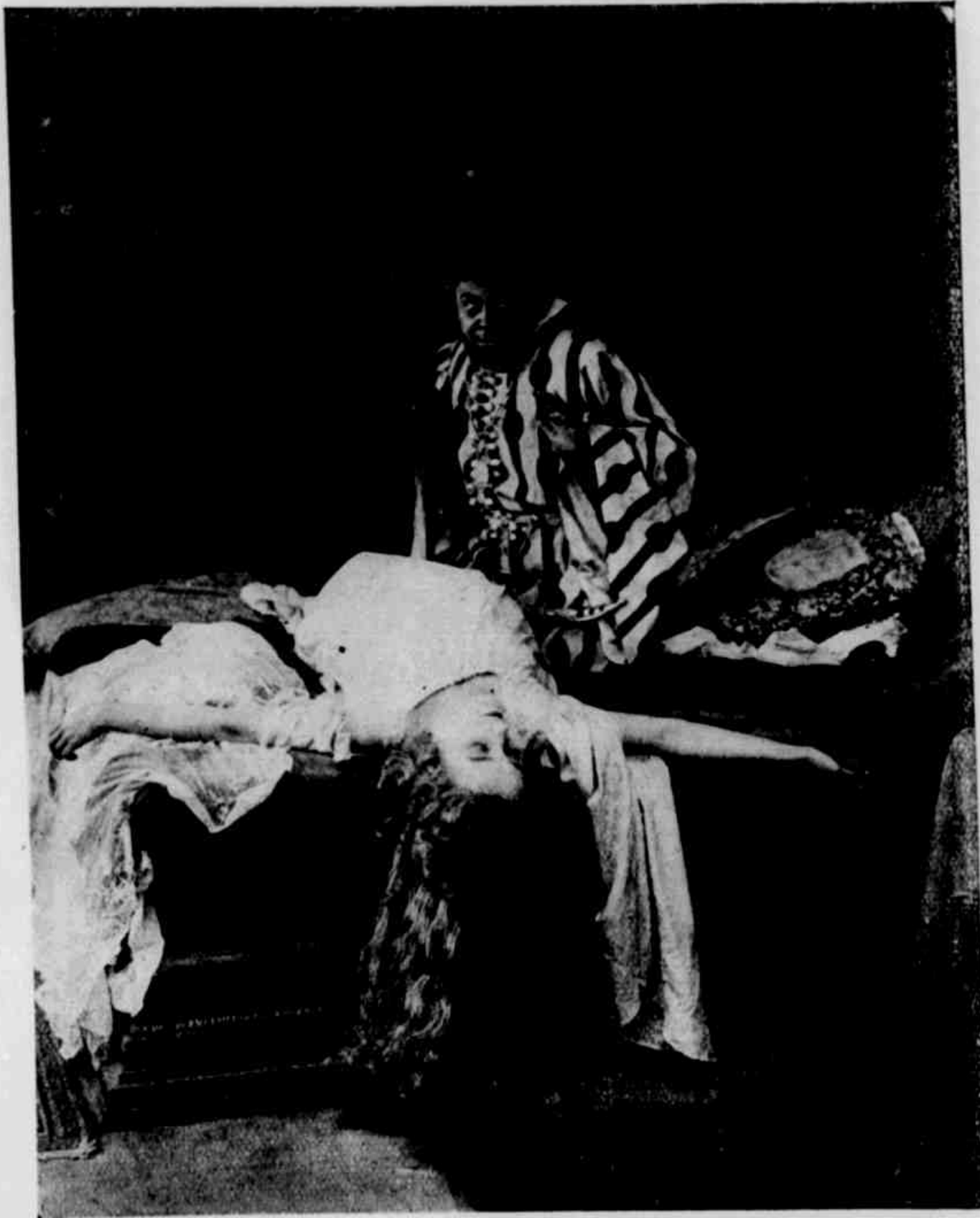
Cassio conhecia a difficuldade de semelhante empreza e previa o escandalo que o rapto de Desdemona provocaria em Veneza, chamando sobre a cabeça do seu general a colera dos senadores e do proprio Doge. Mas como deixar de obedecer?

As trevas que envolviam a cidade favoreciam o audacioso rapto. Desdemona foi transportada para o palacio de Othello e confiada aos cuidados de uma aia. A todas as perguntas esta respondia com as mesmas palavras:

— Não vos posso dar nenhuma informação, senhora. Tende paciencia e esperae.

Cançada, finalmente, de interrogal-a inutilmente, a donzella resignou-se a esperar a explicação do acto brutal de que era victima. Quem seria o seu raptor? Um veneziano não se atreveria a ultrajar a filha de Brabantio... Othello! Sim, só podia ser Othello. Não lêra ella nos olhos do mouro a paixão que inspirára? Não o vira confabulando com Cassio, longe de todos?... E seu pae, como receberia a injuria?

Othello entrou timido e respeitoso. Não era mais o general orgulhoso, consciente do seu valor, recebendo homenagens que sabia merecer. Era o apaixonado que vinha render homenagem ao idolo do seu coração.

Deteve-se a alguns passos della e, sem ousar adiantar-se mais, disse:

Ella debateu-se fracamente por alguns minutos e ficou immovel

— Perdoae, senhora, o acto violento que pratiquei. Raptei-vos porque vos adoro...

Ella chegou-se a elle com as faces enrubecidas e um sorriso nos labios vermelhos.

— Que mal póde haver em um acto que me enche de tanta felicidade?

O mouro teve como que um deslumbramento. Desdemona amava-o!

— Oh! Tornae a dizer essas palavras, senhora, que me enchem o coração de felicidade, de uma felicidade que ultrapassa todos os meus sonhos, maior do que toda a gloria de que me cercaram as campanhas que venci. Vinde senhora, accrescentou elle, tudo está preparado para o nosso casamento. Hoje mesmo sereis minha esposa e vosso pae terá que acceitar o acto consummado.

No altar armado em uma das salas do palacio foi celebrado o casamento. Concluida a ceremonia, Othello fez presente á Desdemona de um lenço bordado.

Othello agarra-a pelos pulsos

— Este lenço — explicou elle — é uma lembrança de minha mãe. Guarda-o bem, pois mal nos viria se o perdessemos.

Apenas chegado a Veneza, Othello grangeára um inimigo formidavel. Ambicioso e perverso, não recuando ante nenhum meio por mais infame que fosse para alcançar os seus fins, Iago conseguira impôr-se á confiança do general, esperando ser nomeado seu logar-tenente. A escolha de Cassio enchera-o de rancor, e elle jurára vingar-se.

Por certas phrases trocadas entre dois homens embriagados, inteirara-se do rapto de Desdemona e adivinhára, immediatamente, quem podia ser o raptor. Ao seu espirito intrigante logo se deparou a urdidura que poderia tecer em torno do facto, explorando-o em beneficio do seu projecto de vingança.

Entre os muitos admiradores de Desdemona, sobresahia Rodrigo, um rico veneziano, dado ás aventuras de amor, requintado no vestuario como nas maneiras, elegante até o ridiculo. A sua vaidade não lhe admittia suppor-se preterido por outrem em negocios de amor.

Cercado de amigos, bebia elle á saude de Desdemona, que, segundo dizia, estava loucamente apaixonada por elle, quando Iago veiu procural-o. Iago queria vingar-se e Rodrigo, com a sua immensa vaidade, ia servir-lhe para isso.

— Desdemona foi raptada, — declarou Iago, sem mais preambulos. — Leva a noticia a Brabantio e assim cahirás nas suas graças.

Rodrigo hesitou; a noticia enchia-o de consternação. Mas Iago agarrou-o por um braço e arrastou-o para fóra.

Brabantio recolhia-se do palacio do Doge; a nova do rico veneziano fel-o correr á casa. Em poucos momentos, todos os seus servos, armados, seguiam-n'o á casa de Othello. Cassio embargou-lhe o passo.

— Tenho ordem do general para não deixar entrar ninguem.

— Corramos ao Doge! O audacioso attentado elle o pagará com o seu sangue!

No palacio do Doge, os senadores, reunidos, discutiam sobre as medidas a serem tomadas para impedir á quéda de Chypre, atacada pelos turcos. Um mensageiro foi enviado a Othello.

A chegada de Brabantio foi saudada pelas palavras do Doge:

— Bemvindo sejaes, senhor; sentiamos falta do vosso conselho.

— Tambem a mim me faltava o vosso, senhor — respondeu Brabantio.

Só então reparou o Doge no aspecto do velho senador: o seu corpo direito, apesar da idade, vinha agora curvado ao peso da dor; a voz forte e profunda parecia quebrada e sahia-lhe dos labios arrastada.

— Que quereis dizer, senhor? — perguntou o Doge.

— Minha filha... minha pobre filha, — respondeu o ancião, occultando o rosto nas mãos, — raptada, ultrajada, deshonrada...

As lagrimas corriam-lhe por entre os dedos; os circumstantes se sentiam dolorosamente commovidos.

— Quem foi? — exclamou o Doge. — Quero que o malfeitor, seja elle meu filho, pague com a vida o mal que praticou.

O velho ergueu-se como impellido por uma mola.

— Foi Othello, o vosso amado general!

Um murmurio correu entre os senadores, immediatamente abafado pela entrada de Othello. Depois de avisar Rodrigo, Iago correra á casa do general para informal-o da queixa que Brabantio não deixaria de fazer ao Doge. E Othello ali estava e Desdemona com elle. O mouro estacou a dois passos dos senadores e falou:

— Eu valho pelos serviços que tenho prestado á Veneza, e o meu sangue não é peor do que o vosso. Um principe mouro raptou a filha de um grande de Hespanha para della fazer sua esposa: eram meu pae e minha mãe. Assim raptei eu Desdemona. O casamento já foi consummado. Desdemona é minha esposa perante Deus e perante os homens.

Veneza tinha necessidade dos serviços de Othello. O Doge interpretou o sentir dos senadores, dizendo a Brabantio:

— Tomae as coisas pelo melhor, senhor; o que está feito não se póde remediar. Quanto a vós, Othello, Veneza reclama o vosso concurso para libertar Chypre da ameaça dos turcos.

— Esta mesma noite me farei ao mar, — respondeu o mouro. — Iago levará Desdemona depois.

O mouro preparava-se para retirar-se. Brabantio fel-o parar.

— Tomae cuidado, Othello! — disse elle. — Assim como me enganou ella, ha de enganar-vos tambem.

O mouro apertou a esposa ao peito, num gesto de desafio e sahiu sem responder. Iago seguiu-o até a margem do canal. Depois, quando a gondola se afastou do caes, um clarão de odio illuminou os seus olhos.

— Odeio a Othello! Odeio-o por causa de Cassio! Odeio-o por causa dessa mulherzinha loura!... Mas elle que se acautele agora!...

Othello encontrou Chypre em socego. A frota turca fôra destruida por um temporal e a população da ilha entregava-se ao regosijo. E livre, ao menos, provisoriamente, do perigo que ameaçava a cidade confiada á sua guarda, o mouro aguardou com impaciencia a chegada da esposa.

Desdemona chegou e, no mesmo navio, trazido por Iago, chegou Rodrigo.

Desejoso de que todos participassem da alegria que o possuia, o general convidou a população a entregar-se á alegria, dando-lhe a liberdade de comer e beber até a meia noite.

Iago espiava o momento propicio. Este se apresentou quando o general despediu Cassio, que tinha de partir para o serviço.

— Convém evitar qualquer loucura, meu caro Cassio. Está attento!

Cassio approximou-se de Desdemona para despedir-se. Ella deu-lhe a mão a beijar-lhe, dizendo:

— Tendes que partir para o serviço agora? Pobre Cassio...

Depois, como o mancebo se afastasse para sahir, ordenou a um dos seus serviçaes:

— Leva essa taça de vinho a Cassio.

— Isto é que não me augura nada de bom, — murmurou Iago, mas não tão baixo que o mouro não o pudesse ouvir.

— Que disseste, Iago? — perguntou este, voltando-se rapidamente para elle.

Iago levou a mão á bocca como que arrependido do que dissera.

— Nada, nada, senhor, — respondeu, afastando-se com precipitação.

Mas, pela contracção da physionomia de Othello, adivinhára que o golpe attingira o alvo. A semente do ciume, elle o sabia, fôra lançada em bom terreno. Era o inicio da tremenda vingança. Mas não convinha deixar adormecer a suspeita do mouro. Por outro lado, convinha inutilisar Cassio, a quem odiava quasi tanto como a Othello.

Rodrigo iria servir-lhe para isso. Foi procural-o.

— Lamentavel, meu caro; logo que desappareceste, ella começou a galantear com Cassio...

— E agora? — interrompeu o outro.

— Agora? Agora é necessario annihillar Cassio... e eu te ajudarei! Vem commigo.

Cassio dispunha-se a partir para o serviço. A' frente de um bando de homens embriagados, Iago veiu procural-o. Um copo de vinho não embriaga, mas dá vontade de beber segundo. Cassio em pouco tempo estava mais embriagado do que os foliões que o cercavam; um resto de lucidez fel-o erguer-se para sahir. Iago ajudou-o com solicitude, endireitou-lhe o capacete, afivellou-lhe a espada á cinta. O official sahiu cambaleando. A' porta, encontrou Rodrigo, cujo vestuario singularmente enfeitado divertiu-o immensamente. O elegante lançou mão da espada e poz-se em guarda, mas Cassio passou adiante, sem lhe dar attenção. Rodrigo perseguiu-o, volteando em torno delle, sempre de espada desembainhada. Essa attitude acabou por irritar a Cassio; desembainhando a espada, precipitou-se sobre o outro, mas não encontrou adversario. O elegante corria agora pelas escadarias do palacio, perseguido pela loucura furiosa do official. Iago presenciava a scena de longe. Desilludido da coragem de Rodrigo, não tardou que uma idéa infernal lhe brotasse no cerebro. Precipitou-se pelos corredores, bradando seguidamente:

— Soccorro! Soccorro! Um assassinato!

Cassio corria sempre em seguimento do fugitivo. A uma volta embargou-lhe os passos Montano, governador de Chypre, a quem os brados de Iago haviam feito accorrer sobresaltado.

— Cassio! Cassio acalmae-vos! Não vêdes que estaes embriagado?

Mas Cassio não dispunha nessa occasião da menor parcella de sangue-frio. A intervenção de Montano acabou de exasperal-o. Deixando Rodrigo lançou-se contra o governador que, para defender-se, foi obrigado a cruzar o ferro com o delle.

Othello appareceu no momento em que Montano tombava, atravessado pela espada de Cassio. A vista do sangue dissipou a embriaguez do official, que ficou a olhar estupidamente para a lamina rubra de sua espada. Iago tornou-se senhor da situação, agarrando Cassio, que não fazia a menor resistencia. Montano escabujava por terra, vomitando sangue.

Othello contemplou a scena com o rosto franzido; depois interrogou Iago.

— Supplico-vos, senhor; não me pergunteis nada, — disse este com uma fingida expansão de horror estampada nos olhos.

— Fala! — ordenou Othello.

— Um homem se precipitou desvairado pelo palacio, lançando gritos de angustia... Atraz delle vinha Cassio... com a espada na mão. Montano intervinha para acalmal-o quando Cassio... o atravessou com a espada...

O miseravel falava a intervallos, como se lhe repugnasse accusar o assassino. Este se conservava immovel e de cabeça baixa, como se não comprehendesse o que se passava.

Othello caminhou para elle.

— A amizade que nos ligava, Cassio, torna o teu delicto ainda mais grave; a partir de hoje deixas de ser o meu logar-tenente!

Só algumas horas depois, dissipados os vapores do alcool que lhe ennevoavam o cerebro, é que Cassio se poude inteirar do horror da sua situação.

— A minha honra manchada! A minha vida destruida! — gemeu elle.

Iago esboçou um sorriso sardonico, logo contido, e consolou-o:

— Chimeras, meu pobre Cassio! Queres um bom conselho? A esposa do general é quem mais manda. Pede-lhe que interceda por ti.

Cassio ergueu-se com um raio de esperança nos olhos e apertou as mãos de Iago.

— Obrigado, meu bom Iago; vou já procurar a esposa do general.

Iago seguiu-o com um olhar em que se lia uma alegria satanica. Em seguida, dirigiu-se para o gabinete de Othello. O mouro tinha uma carta geographica aberta sobre a mesa e parecia mergulhado em profundas reflexões. Ouvindo passos, levantou os olhos. Iago chegou-se á mesa e, passando a mão entre os papeis esparsos, declarou:

— Sinto-me feliz, senhor, por haverdes perdoado a Cassio!

— Que queres tu dizer? — perguntou o general, franzindo os supercilios.

— Creio que acabo de ver Cassio em visita á vossa esposa.

O golpe foi direito ao coração do mouro. Uma nuvem ensombrou-lhe o olhar; os olhos se lhe laivaram de sangue. Sem dar ouvidos a Iago, que tentava retel-o, precipitou-se para os aposentos de Desdemona. Lucia, a camareira, sahia nesse instante. Travou-lhe do braço e perguntou:

— Quem esteve aqui?

A camareira encolhia-se atemorisada pela expressão feroz da physionomia de Othello. Iago recommendara-lhe, porém, que nada dissesse, a ninguem, sobre a visita de Cassio. Ella amava Iago; deixara-se seduzir pelas palavras mentirosas do intrigante. Como desobedecer-lhe, pois?

— Ninguem veiu aqui, senhor, — respondeu com voz tremula.

— Mentes, — bradou elle, empurrando-a.

Desdemona entretinha-se a bordar quando o marido appareceu. Sem levantar os olhos, sorriu-lhe e pediu:

— Perdôa ao pobre Cassio senhor!

Não recebendo resposta, ergueu os olhos; surprehendeu-a a transformação da physionomia do mouro.

Desdemona dormia inconsciente da tempestade

— Que tens, senhor? Por que me olhas assim?

Elle approximou-se della e, tomando-lhe a cabeça nas mãos, sentindo dissiparem-se as suspeitas ante o olhar candido da esposa, ajoelhou diante della:

— Será possivel que esses olhos mintam?

Depois, levantando-se de golpe, fugiu precipitadamente, deixando-a muito admirada.

Othello voltou ao seu gabinete; a suspeita persistia no seu espirito. O ciume roia-lhe o coração.

— Será possivel? — pensava elle passeando agitado de um lado para outro. — Aquelle olhar tão puro occultará uma trahição? Teria Brabantio razão quando me aconselhava a tomar cuidado?

Mas Iago ainda não estava satisfeito. Rodrigo ia servir-lhe para redobrar a tortura do mouro.

(Termina no fim da revista)

Amor e odio

(THE PASSION FLOWER)

Film do First National — Producção de 1921 — (Extrahido da peça *La Malquerida,* de Jacintho Benavente

DISTRIBUIÇÃO

Acacia	NORMA TALMADGE
Esteban	COURTNAY FOOTE
Raimunda	Eulalie Jensen
Norberto	HARRISON FORD
Tio Eusebio	Charles Stevenson
Julia	Alice May
Os tres filhos de Julia	Herbert Vance Austin Harrison H. D. Mc. Clellam
Faustino	Robert Agnew
O pequeno Carlos	Robert Harold Stern
Milagres	Natalie Talmadge
A velha Juliana	Mme. Jacques Martin

De dia é facil sorrir, levantar a cabeça altivamente, fingir que não se ouve o que se murmura em torno. Mas, de noite...

— Oh, Mãe Piedosa! — implorava a moça. — Tu foste mulher, mas nunca sentiste como é cruel o aggravo do desprezo! Offerecer o seu primeiro amor, e...

Contorceu-se-lhe o corpo no leito como se aquelle pensamento fosse um látego a fustigar-lhe o corpo e a alma. E estorcendo-se, e apertando as mãos cruzadas uma na outra, mordia-as com os seus dentes alvos, na inteira inconsciencia da dôr.

— Eu, tão orgulhosa, tão orgulhosa por elle, de ser bella e forte! E elle recusar a minha dadiva suprema, — o meu amor! Repudiou-o, sem compaixão por mim! E a estas horas, é bem possivel que, com os seus amigos, na taverna, me tome por thema do seu escarneo!

O luar coava-se pela janella aberta como um jacto de agua crystallina, abrindo pequenos lagos de luz sobre o assoalho nú. Esbatia-se num desses pequenos lagos a imagem da cruz. O rosto da menina tinha a mesma lividez e frieza do luar, — como uma coisa inerte, exangue, congelada dentro de uma urna de morte.

— Ah! Pudesse eu fazel-o soffrer como eu soffro! Pudesse eu ser a causa da sua vigilia como elle o é da minha, pudesse eu fazer que elle se contorcesse desesperado no seu leito, como por elle eu aqui me estorço de dôr! Ah, homens! Como eu vos odeio, e como eu odeio o riso alto dos vossos labios vermelhos, que tão depressa beijam como articulam palavras de escárneo e de agonia! D'ora avante — juro! — será entre nós uma batalha de morte! Hei de ferir-vos como me feristes! Hei de despertar o amor, como o meu foi despertado, para depois rechassal-o, a sorrir! Homens! Entes repellentes, de braços e troncos pelludos como dorsos de féras, com dentes brancos, que anceiam por morder, com musculos capazes de suspender montanhas! Norberto... Esteban, o meu passado! Sempre, meus inimigos! Primeiro, roubaram-me — pobre creança que sou! — o amôr de minha mãe, e depois, sob os seus pés grosseiros, espesinharam o meu orgulho! Está bem: agora vereis, todos, quanto póde ser perigosa uma mulher!

Só a velha Juliana, cujos olhos ennevoados pela velhice viam mais claro que quaesquer outros, percebeu a mudança que se operára na rapariga. Acacia jámais confessara, nem mesmo á sua mãe, toda a verdade do repudio de Norberto, que nem mesmo ella sabia ao certo. Elle escrevera vagamente, como que ancioso de se desobrigar de um dever penoso, a dizer que achava melhor que os dois não se vissem mais, a pedir-lhe que o não censurasse, a formular votos por que em breve ella encontrasse a felicidade com outro homem, melhor do que elle.

Acacia, ao tempo em que déra os primeiros timidos affectos do seu coração de moça a Norberto, uma figura romantica, de pulmões fracos e fragil belleza, só havia conhecido duas fortes emoções: uma, a adoração, o culto fervoroso de sua formosa mãe, Raimunda; outra, o seu odio sobrehumano ao homem que lhe roubára os pensamentos de sua mãe, — Esteban, o abastado "ganadero", que puzera os seus robustos hombros entre os seus olhos e o sol da sua vida, cinco annos atraz, quando doze annos apenas tinha ella.

Tão violento era o seu odio por esse homem que não o podia dissimular cada vez que o olhava, cada vez que lhe falava. Era uma chamma eternamente viva dentro della e que lhe varava os olhos, emprestando-lhes reflexos verdes, se por acaso o via a acariciar sua mãe.

Durante cinco annos aquelle amor intruso lhe tornára intoleravel o lar. E Accacia sentia-se enlouquecer ali dentro, sentia-se como alguem que, enregelado, se visse, a cada hora, em presença de um lume vivo e ardente. Acceitára o amôr de Norberto como um refugio, como quem via nelle a salvação, sem nada lhe pedir em troca. Norberto era um enfermo, um estupido talvez, cobarde de corpo, doentio, assustadiço. Mas fôra o primeiro que jámais lhe falára de amôr, e Accacia estava prompta a dar-lhe quanto em si tinha. Depois, sem nenhuma justificação, a evasão, o repudio! E Accacia reflectia: uma hespanhola, no viço forte dos seus dezesete annos, cujo amôr se rechassava assim, como uma luva imprestavel!

A aldeia de Encinar tudo percebeu, tudo commentou. Não que jámais houvesse tido Accacia por uma das bellezas do povoado. Ella era mais como um delgado rebento, branco e novo, que não florira ainda: um pouco duro, verde e sem graça. Agora, porém, viam n'ella a rosa, de um carmim avellludado, de um aroma suggestivo e profundo. Fôra, outr'ora, o lume timido, medroso e livido de um cirio: agora era chamma escorchante e rubra, como um pedaço de sol que houvesse atravessado uma lente poderosa. O seu rosto, agora, era pallido e branco, sim, mas não da brancura do gelo: da brancura do metal fundente; o seu cabello não tinha o negror do azeviche, mas sim o negror das noites mysteriosas, povoadas de mil sombras, povoadas dos mil matizes da treva. E só os seus labios,

Emquanto Norberto era recolhido ao seu leito...

do rubro escuro do geranium, apresentavam um pouco de côr.

— Quando ella olha para mim — para mim, hein? — com aquelles olhos rasgados, que se apertam como os de um gato, que, como os de um gato, são verdes e somnolentos — dizia Blanco, o estalajadeiro, com o riso a borburar-lhe na garganta — quasi me esqueço de que sou casado, gordo e avô!... Ah, rapazes! Querem um conselho? Da proxima vez que forem á missa, não peçam a Deus que os poupe a uma morte violenta: peçam a Deus que os salve dos olhos verdes de Accacia!

— Afinal, parece que tudo se passou por modo bem diverso do que contam!... — commentavam os rapazolas da aldeia — Com certeza, foi ella que *barrou* o Norberto!... E com razão: um poeta anemico e timorato como elle unir-se a uma rapariga de sangue rubro como aquella!... Seria como pretender casar o fogo e a agua, não é verdade?

Raimunda, eternamente vivendo no seu mundo de amôr, em que o sol era o sorriso de Esteban, e a lua o seu beijo, e as suas palavras as estrellas do céo, apenas via que Accacia já não andava pelos cantos da casa, reservada e triste, nem se fechava no seu quarto, no seu perpetuo amuo. Norberto era filho de sua irmã, e ella lamentava se houvesse desfeito o enlace, mas sem suspeitar da razão do seu pezar. Desejava vêr Accacia tranquillamente installada n'um lar seu, abrigada, defendida dos perigos da vida por braços que a ennovelassem amorosamente. No mais intimo da sua alma, não receiava mesmo confessar que se sentiria bem quando de dentro de sua casa se varresse aquelle odio, que via em cada olhar da filha ao seu adorado esposo, um odio que maculava, como uma enfermidade incuravel, a sua felicidade.

A verdadeira razão porque a queria casar, ignorava-a, na verdade.

Foi, entretanto, com a maior sinceridade que ella acolheu, pouco depois, o ajuste de casamento entre Accacia e Faustino, o mais jovem dos quatro esplendidos rapazes do tio Eusebio. A Faustino caberiam, mais tarde, terras e rebanhos. Era um bom partido. E Raimunda deixava transparecer no rosto o seu contentamento pelo acontecimento futuro. O namoro durára pouco, mas em gente moça era assim mesmo; e bastava observar Faustino para vêr que jámais houvera ninguem mais apaixonado do que elle. Quando elle punha os olhos em Accacia, até fazia vergonha olhar para elle, tão clara era a sua paixão!

Acompanhada pelo tio Eusebio, velho sim, mas erecto e forte.

— A rapariga não se mostra, porém, muito contente com o noivado! — cocovilhava-se em torno. — Bonita sempre, mas ha no seu rosto uma expressão de reserva, de prudencia... que não é muito propria de pessoas de dezesete annos.

A festa do ajuste de casamento esteve animada. Ao som dos violinos, dansou-se e cantou-se, comeu-se e bebeu-se até de madrugada. Umas após outras, as raparigas foram todas levadas ao quarto de Accacia para verem as roupas da noiva, a sua arca de linhos, e invejando-a por um lado, por outro lado, se alegraram, secretamente, com a perspectiva de a terem em breve afastada, o que lhes permittia a esperança de algum dia encontrarem tambem noivo que lhes conviesse.

— Hoje, pertences a todos, menos a mim! — disse-lhe Faustino, lamentando-se. — Parece que o teu noivo é a aldeia toda e não eu! Nem um olhar, nem um beijo me deste em toda a noite, uma noite de luar como esta! Uma lua branca tranquilla, que veste os campos de uma tunica de prata! Olha: vem commigo! Vamos vel-a, Accacia.

A moça fitou-o e elle estremeceu.

A fazenda de Eusebio era na montanha, e Faustino jámais conhecera outras mulheres que não fossem suas irmãs e as gordas consortes dos homens que lhe pastoreavam o gado. O que elle offerecia á Accacia, e sem regatear, era o ouro limpido do amôr, virgem, immaculado, como uma moeda cunhada de fresco e que via a luz pela primeira vez.

— Loucuras, tudo isso! — fez Accacia, sorrindo. — As tuas luas, os teus beijos...

O seu sorriso era meigo, mas os seus olhos tinham a dureza do aço. Diziam que ella fôra desprezada, não é verdade? Pois ella lhes mostraria um homem escravisado ao seu amôr. E assim, como se apaixonára esse, todos os demais se haviam de apaixonar por ella! O ardor do fanatismo, a sua virilidade fogosa não a abalavam. Tinha, porem, pena delle. A seu lado, ella era tão mais velha do que elle, mais velha por seculos, por toda a experiencia que accumulára o tempo, por todo o seu conhecimento das coisas de amôr, legado de gerações sem conta!

As ondas brancas do luar lavaram o pateo, então deserto. Accacia deixou que Faustino lhe pegasse n'uma das mãos, e

Durante cinco annos aquelle amor intruso lhe tornara intoleravel o lar.

sentiu, através da pelle nervosa do mancebo, o latejar dos seus pulsos. Riu para elle, meneando o leque, fazendo esvoaçar em volta de si o seu chaile vistoso, e observou a sombra dos dois, desenhada no chão: a delle, ardente, vibrante de desejo; a della, retrahida, impessoal. E pensou em Norberto. O que a este déra não mais podia dar: os seus sonhos de moça, a sua adoração romantica pelo heróe da sua vida amorosa, a sua responsividade ás palavras sentimentaes, ás caricias do luar. Norberto não a roubára só a ella: roubára igualmente Faustino, e Accacia sentiu dentro de si a colera protectora de uma mãe que vê um filho privado do almejado brinquedo.

— Nem tu sabes como estás linda, minha rosa adorada! — segredava Faustino. — Nem tu sabes como eu te adoro, minha vida! Vejo-te todas as noites nos meus sonhos, Accacia, e, ás vezes, até tu me pareces um sonho e receio haver sonhado tudo isto, que toda a minha felicidade não passasse de um sonho!

— Louco! — disse Accacia, com um olhar severo. — Sou bem real ao contrario e garanto-te que não me julgarás um sonho quando começares a pagar os meus escarpins e as minhas mantilhas!

Accacia sentiu-se a tremer, quente e fria ao mesmo tempo.

— Ah, linda! — tartamudeou a medo. — E' que eu mal posso crer que me venha caber tão grande ventura! Que fiz eu para merecer o meu jardim a mais linda rosa de todo o universo? Decerto, me julgas louco, mas juro-te que, quando penso em tudo isto, sinto aqui uma dôr aguda... — disse apontando o peito.

Accacia consentiu que elle a beijasse, timidamente, desageitadamente. Elle amparara-a nos seus braços como uma coisa fragil, uma coisa preciosa e sagrada. E o temor delle despertava da parte da rapariga um desprezo impaciente. Desse homem sempre ella poderia fazer quanto quizesse, o que seria util talvez, mas nada interessante.

— E agora vae ter com os convidados! — ordenou a Faustino. — Olha o que fizeste, desastrado! Descompuzeste-me o cabello todo. Está bem: vae que eu aqui fico a arranjar o cabello. Não quero, pelo meu aspecto, denunciar a toda a gente que fui beijada por ti!...

— Pois eu só desejava que o mundo todo soubesse como eu te amo! — exclamou Faustino, tremulo. — Seria capaz de galgar o mais alto cimo dos Andes e proclamal-o de lá! Nas minhas proprias orações a Deus me vangloriaria por elle!

Depois que elle partiu, Accacia ficou immovel, sem se preoccupar do cabello, que, na verdade, quasi não soffrera desalinho algum com o timido abraço de Faustino. O sorriso desappareceu-lhe nos labios, deixando-os como carvões accesos, na pallida luz do luar. Os olhos lampejaram verdes como quando se reflecte o sol numa geleira. E os contornos do seu rosto debucharam-se aguçados na sombra.

— Tua mãe disse-me que te viesse buscar. Os convidados se estão retirando...

E Esteban, o padrasto de Accacia, appareceu de repente a seu lado, a falar-lhe naquelle tom imperioso e laconico que sempre adoptára para com ella. Os seus olhos eram como paredes de pedra, que lhe enclausurassem os pensamentos em recintos frios, não varejados pelo sol. Era um homem silencioso, sem fogo, sem luz. Entretanto, ella o vira esmagar, tantas vezes, sua mãe, entre aquelles braços de ferro!...

Nada lhe respondeu, alçando, porém, a cabeça, em ar de desafio. Tratava-o nesse momento como o tratára sempre, sem embargo delle haver sido bom e generoso para com ella.

— Sempre esse odio! — disse Esteban lentamente. — Mas sabes? Sinto-me feliz, Accacia, porque me odeias, ao menos!

Accacia vibrou-lhe um olhar de desprezo:

— E' que o senhor se sente feliz com pouca coisa!... — redarguiu, com audacia. — Agora, para maior felicidade sua, dir-lhe-ei que o odeio tanto que teria prazer em esbofeteal-o, em machucal-o, em vel-o soffrer, sangrar, morrer, por minha causa! Não tivesse eu medo de que me mettessem na cadeia e já o teria matado ha muito tempo, quando o senhor me arrancou minha mãe, me roubou o amôr della, que era meu!

Percebeu-se nos labios de Esteban um tremor convulsivo, mas áparte isso, não houve outra mudança em seu semblante. Serenamente, elle voltou-se para Accacia. A roupa de velludo que elle vestia para a festa cedia aos seus musculos poderosos, modelava-os nos braços e nas pernas. Escanhoado para a cerimonia, a sua pelle apparecia morena, com a barba forte apontando á superficie. Que teria sua mãe achado naquelle fardo, naquelle animal selvagem, para que se lhe enchessem os olhos de céo á sua presença?

— Se fosse eu o homem que vae casar comtigo, na noite do casamento havia de te deixar mil vezes na pelle as marcas dos meus dedos!

— Se eu tivesse de casar comsigo, o meu beijo seria como um punhal de aço a trespassar-lhe a alma! — retorquiu a moça, desvairada por aquellas palavras, que pareciam já lhe fazer sentir na pelle branda as mãos audaciosas, a espancarem-n'a. — Mercê de Deus, vou-me casar com um homem: não com um urso!

— Com um homem, não! Com um fedelho! — disse Esteban, com escárneo. — Um pintalegrete bobo, cuja paixão ainda cheira á chocadeira!... Um bobalhão que nem te sabe beijar!...

— Estava-nos espiando, então? Não me surprehende: sempre o vi nesse seu officio de espião, com os olhos cravados em mim, a toda a hora, accesos, vigilantes... Mas espia-me por que? Louvado seja o céo! Em breve estarei livre do senhor! E quando eu me casar com Faustino, estarei para sempre livre da sua espionagem!

Accacia partiu, cobrindo com o leque o seio arquejante, pondo sobre a sua furia, como uma mascara, o disfarce do sorriso. Esteban afastou-se tambem, mas na sombra, com Faustino a seu lado de novo. Accacia ainda lhe sentiu os olhos teimosos e duros.

— Noiva adorada, a lua esmaece e a estrada está escura. Tenho que partir. Ah, querida! Como é doloroso separarme de ti! E' como morrer! Acode-me sempre o receio de nunca mais te tornar a vêr! Uma loucura, claramente, uma vez que dentro de um mez serás minha, inteiramente minha, e nunca mais nos separaremos!...

Raimunda foi ter com elle, acompanhada pelo tio Eusebio, velho sim, mas erecto e forte com uma juba branca a emmoldurar-lhe o rosto. — Esteban irá comvosco até o extremo do povoado! — disse. Foi uma noite extraordinaria para todos nós, não é verdade, Accacia? Mas não os demoraremos muito tempo. Elles ainda têm que fazer uma bôa jornada. Além do que não faltará tempo amanhã para dizer o que porventura tiver esquecido hoje...

Em casa, na presença de Accacia, silenciosa e alheia em meio dos copos vasios, dos grandes bolos retalhados, Raimunda deu largas ainda a sua alegria: todos se tinham mostrado tão amaveis, e a opinião era uma só. Faustino era um excellente partido e os noivos tinham nascido um para o outro. Deus escrevia direito por linhas tortas e tinha sido afinal uma felicidade que Norberto não... que Norberto tivesse...

(*Termina no fim da revista*)

A festa do ajuste do casamento esteve animada...

Amores de Pharaó

(THE LOWES OF PHARAOH)

Film Efa-Paramount — Producção de 1922

DIRECÇÃO DE ERNEST LUBITSCH

Pharaó Amenes.	EMIL JANNINGS
Ramphis	HARRY LIEDTKE
Theonis.	DAGNY SERVAES
Samlack, rei da Ethiopia.	PAUL WEGENER
Makeda, sua filha.	LYDA SALMONOVA
Sotis.	ALBERT BASSERMANN
Summo Sacerdote.	Friedrick Kuchne
Menon, favorito de Pharaó.	Paul Biensfeldt

O sol no occaso, arremessou contra o manto azul da tarde as suas settas ardentes, e toda a cidade dos Pharaós appareceu rutilante, sob a luz dourada. Pelos palmeiraes, corria o vento, n'um murmurio caricioso e suave.

Fóra da grande cidade, á sombra das suas muralhas, era o esplendor refulgente da comitiva de Samlack, o rei dos Ethiopes, que ali acampára. Dentro, no seu sumptuoso palacio, pompeava Amenes, Pharaó do Egypto, aguardando a audiencia que ia dar a esse seu poderoso visinho e a Makeda, sua filha. Se esta agradasse á sua fantasia, tomal-a-ia por esposa, assim cimentando uma alliança entre o Egypto e a Ethiopia.

Na sumptuosidade da sua camara de vestir, toda de purpura e ouro, a princeza Makeda enfrenesiava-se com as pacientes escravas, que lhe ungiam o corpo de perfumes, e banhavam de oleo os duros cabellos negros que lhe déra a natureza. Era, porém, principalmente sobre Theonis, a sua escrava branca, que se accumulavam mais violentos os seus improperios.

— Vamos, apressa-te, escrava branca, filha de uma filha de escravo! — ordenou furiosa. — Pois não sabes que me espera Amenes, o Poderoso? Os teus dedos tropeçam no trabalho como asnos preguiçosos! Triste, bem triste idéa teve meu pae quando te comprou n'uma feira de escravos!...

Corou sob a injuria a pelle da escrava grega, da côr da flor da amendoeira. Aos seus labios altivos, de um vermelho seductor, acud'am palavras indignadas. Mas, muito embora borbulhassem lagrimas á beira das suas pestanas negras, Theonis nada disse.

De repente, as lagrimas, jorrando mais fortes, foram banhar os pés de sua senhora, cujos dedos ella tingia de henné. E a mão escura de Makeda moveu se impetuosa, a castigar nas faces a infeliz captiva.

Incendiou-se nas veias o sangue de Theonis, e, levantando-se de subito, erecta e firme, respondeu:

— Que audacia a vossa de me castigardes assim! Escrava sou por ironia de meu cruel destino, mas não sou filha de escravo! Jámais cobriu o céo homem mais nobre que meu pae, nem mulher mais bella do que minha altiva mãe! Até aqui, tenho-vos servido na maior humildade, mas agora não posso deixar de revoltar-me!

Makeda soltou um grito de colera, e, no seu semblante escuro, pareceu que os seus olhos vomitavam fogo.

— Chamae meu pae aqui! — ordenou. — Elle que se avenha com esta atrevida de pelle branca, que vale menos que a terra que pizam meus pés!

Samlak depressa acudio junto de sua filha, e, agarrando Theonis por um dos seus pulsos, entregou-a ao seu capitão de escravos, ordenando-lhe que a chicoteasse cem vezes, até o sangue lhe jorrar da pelle.

— Quando o chicote a fizer desmaiar, dispensa-a então do meu serviço! — exclamou. — Que apodreça no deserto, para que nunca mais a sua sombra se projecte á porta da tenda de minha filha!

Os olhos que Theonis volveu aos dois jovens que a levaram teriam enternecido corações mais fortes do que os delles; mas que podiam elles em seu favor!

— Nossa ama tem inveja da tua belleza, da brancura da tua pelle! — disse um delles, compassivo. — Se o rei te visse, a ti, nunca mais olharia para ella! — accrescentou o outro.

Mas um sorriso de tristeza foi toda a resposta de Theonis.

— Levem-n'a bem longe, — ordenou o capitão de escravos. — Amarrem-n'a áquella palmeira além, para que os seus gritos não perturbem a paz do nosso governante. Eu, depois, lá irei ter.

Já o crepusculo cahira de todo sobre a cidade quando Theonis viu a seu lado a hedionda figura do carrasco. Era uma creatura monstruosa, de cara negra e perversa, com cabellos que pareciam novellos de lã. Tinha uns braços que se assemelhavam a alavancas, e Theonis tremeu á idéa das pancadas que esses braços iam desferir sobre a sua pelle delicada.

E como um molle feixe de carnes sem vida, rolou nos degráos do throno

— Talvez seja, afinal, melhor que eu morra aqui do que viver escrava para sempre, ou ir morrer á sêde no deserto!

O algoz dançava em volta della, desafiando-a, dirigindo-lhe gracejos grosseiros a respeito da sua belleza, inebriado de gozo ante a sua agonia. Estavam sós os dois, e Theonis sabia que não haveria lagrimas que a salvassem. Implorara aos seus deuses, mas elles tinham-n'a abandonado.

Por fim, depois de horas que pareciam não mais findar, o algoz pareceu saciado de a fazer soffrer.

— Pódes urrar como uma féra selvagem, que os teus gritos não incommodarão ninguem e a mim só prazer me poderão dar. Gritos como esses são como musica para os meus ouvidos!

Theonis nada respondeu. No seu desespero, resolvera não dar ao seu carrasco a satisfação de ouvir siquer um ai que partisse dos seus labios, e cerrou os olhos para não vêr o chicote quando elle lhe cahisse sobre o corpo.

Retezou os membros á primeira vez que a castigou o látego cruel, e, depois disso, o seu corpo foi como uma agonia viva em que se cevava o chicote, como se fossem mil serpentes. Galhardamente, comprimiu os labios que a dor descorára, mas que não deixaram escapar um grito siquer. Por fim, não poude mais. Soltou um gemido angustioso, que era quasi um grito, e sentiu que ia mergulhar no esquecimento de tudo. Depois, pareceu-lhe perceber outro ruido, além do do chicote que o negro brandia com furia cada vez maior, — uma voz de homem, raivosa e indignada, que ordenava ao capitão de escravos que parasse, e, finalmente, o accommettia corpo a corpo e lhe arrancava o chicote das mãos. Theonis abriu dolorosamente os olhos para pol-os no seu protector. E, na penumbra semi-luminosa, pareceu-lhe como se um joven deus houvesse descido á terra. A pelle delle era tão branca como a sua. As suas pernas, os seus braços, eram como as columnas repolidas dos templos de sua Grecia natal, e os cabellos que elle usava cortados rente, abaixo das orelhas, eram assetinados e finos.

Theonis viu-o ameaçar o seu algoz com uma lamina mortal, e, um momento depois, tal um mastim acobardado, o capitão de escravos desappareceu na treva. Foi então que, de um golpe secco, o salvador cortou as cordas que prendiam a escrava.

...e agarrando Theonis, por um dos seus pulsos...

Não a houvesse elle amparado nos seus fortes braços e ella teria cahido. E, por um momento, cada um dos dois jovens fitou os olhos do outro, como videntes que, num globo de crystal, quizessem devassar o mysterio de amanhã.

— Ah, linda! — disse o mancebo. — De ha muito Osiris e a graciosa Isis se riem das minhas supplicas. Hoje, porém, responderam-me finalmente! De outro modo, como te houvéra achado? Fala, se pódes, e dize-me quem és!

— Sou Theonis, — disse singelamente a rapariga, sentindo palpitar uma nova vida no seu corpo dolorido, — e até ha pouco servi á princeza Makeda. Era sua escrava.

— Tenha a tua senhora metade da tua belleza, e nós a proclaremos nossa rainha! Mas como vieste parar aqui? Porque te castigava aquella féra?

— Ousei falar á minha ama com a altivez de uma grega, filha de um pae varonil e orgulhoso, em vez de lhe falar como escrava, — respondeu Theonis — e havendo incorrido no desagrado de Samlak, seu poderoso pae, fui por elle mandada açoutar e despedida. Agora, sou livre, mas que significa isso senão que sou livre de ir morrer no deserto?!

— Ah! — respondeu Ramphis. — Duplamente propicios me foram hoje os deuses! Não só te encontrei a ti, por quem todos estes annos tem anceiado o meu coração, como te encontro livre, — livre de vires a mim como vem a chuva ás areias devoradas pela sede! Queres vir commigo para a cidade, linda, para a casa de meu pae? Ali, poderás viver em paz e segurança por todo o tempo que quizeres. Ali, se não te desagrado em demasia, poderá o meu amor depôr os seus thesouros á beira dos teus pés de neve e adorar o riso que adorna os teus labios de romã.

— Homem algum jámais assim me falou! — disse Theonis, — mas nenhum receio tenho, estando vós a meu lado. Sim, acompanhar-vos-ei, senhor.

E, assim, veiu a succeder que a aurora do dia seguinte encontrou Theonis em casa de Sotis, architecto do rei e pae de Ramphis. A cidade palpitava de anciedade a proposito da proxima escolha de uma rainha, e contavam-se maravilhas dos thesouros fabulosos que chegavam a cada hora, enviados a Amenes, o Pharaó, pelo rei da Ethiopia. Os dias decorriam por toda a parte em risos e canções, e á noite, no palacio do rei, eram banquetes que excediam em esplendor a tudo quanto se pudesse imaginar.

A aurora do dia seguinte veiu encontrar Theonis.

Ramphis passeava com o seu amor pelos logares mais tranquillos da cidade, onde tinham por unica luz o disco melancolico da lua, pois precisavam ter cautela que ninguem da comitiva do rei Samlak visse a rapariga que fôra sentenciada a morrer. Theonis vivia como que n'um sonho, cedendo mais e mais ao apaixonado ardor do seu namorado, mas nem por isso se sentia inteiramente feliz, pois ardia no desejo de vêr alguma coisa das festas de que tanto se falava, e, sobretudo, de contemplar os thesouros immensos accumulados na Casa do Thesouro do soberano.

— Mas não sabes então que é prohibido qualquer pessoa approximar-se da Casa do Thesouro? — perguntou-lhe Ramphis buscando logo desviar-lhe o pensamento para outras coisas. Mas nem por isso diminuia de intensidade o desejo da formosa grega. Um dia, afinal, quando Ramphis regressou á casa de seu pae, não encontrou ali o objecto dos seus enlevos. Sentiu-se, ao mesmo tempo, sorprehendido e receioso de que algum mal houvesse succedido a Theonis, mas Sotis, o pae, assegurou-lhe que, nesse dia, não estivera em casa nenhum estranho.

Occorreu-lhe, então, á lembrança o grande desejo que a moça manifestára de vêr os thesouros do rei.

— Será possivel que ella tenha commettido a loucura de sacrificar a sua vida á sua curiosidade? — perguntou de si para comsigo o mancebo.

Logo se poz a caminho do bairro da cidade onde estava situada a Casa do Thesouro, e, não longe do recinto defeso, avistou de facto Theonis, escondida na sombra dos edificios mais proximos, á espera de uma occasião para illudir a vigilancia dos guardas.

Esquecido da prudencia, Ramphis seguiu-a e, logo que a alcançou, procurou fazer-lhe ver a insensatez do seu proposito. Os guardas descobriram-n'os, porém, quasi immediatamente, e, sem demora, os prenderam e conduziram á presença do rei Amenes.

O rei mal concedeu um olhar a Ramphis, de tal modo se extasiou ante a belleza de Theonis.

— Seria bem do meu agrado uma rainha branca, — disse ao seu principal conselheiro. — Trazei a rapariga junto de mim para que eu a interrogue!

Relutando, Theonis consentiu em ser levada á presença do soberano, a cujas perguntas respondeu rebeldemente. Percebera o olhar lascivo daquelles olhos redondos que lhe devassavam o corpo, e sentira medo e repulsa ao mesmo tempo.

— Esse homem que te acompanha, que relação tem comtigo? — perguntou Amenes.

— E' o homem a quem amo, — replicou a moça, — e o meu promettido esposo!

Amenes riu cruelmente.

— A tua curiosidade poude, porém, mais que o teu amor e custará a tua vida e a delle!

Com um soluço, Theonis cahiu nos degraus do throno, aos pés do rei.

E informou:

— Poderoso senhor do Egypto! Fazei de mim o que fôrdes servido, mas poupae-o a elle! Elle não fez mal algum, e se se approximou da Casa do Thesouro foi só para me arredar da minha insensatez! Não é justo que elle morra!

— Mas eu nenhum interesse tenho em o salvar! — tornou Amenes — Desobedeceu á minha lei e terá que morrer! Mas a ti, a ti, branca donzella linda, estou disposto a perdoar se consentires em ser a minha rainha! Para além dos muros desta cidade ha uma mulher escura que espera governar o Egypto a meu lado: prefiro-te, porém, a ti!

De um salto, Theonis estava de pé!

— Nunca vos desposarei, senhor! — exclamou. — Morto o meu amor, a vida nada vale para mim! Só a elle amo e não vos tomarei por esposo nem que todo o Egypto puzésseis a meus pés! Estou prompta, agora: podeis condemnar-me á morte!

Amenes franziu a testa.

— És de indole audaciosa, — disse o rei, — mas sempre tive a audacia em alta conta, e, por isso, te proponho um novo ajuste: o teu apaixonado, se tu não casares commigo, morrerá ao pôr do sol, mas a vida lhe será poupada se me acceitares por esposo! Que tens que dizer a isto?

A rapariga emmudeceu por algum tempo, e logo, numa voz que mal se podia perceber, formulou a sua resposta.

— O que já antes vos disse, senhor. Amo a Ramphis, filho de Sotis, mais do que a propria vida; mas, por mais que vos odeie de todas as minhas forças, barato pagarei ainda a liberdade do homem que amo, curvando-me á vossa vontade. Assim, pois, disponde de mim, mas deixae em liberdade Ramphis! Só vos peço que me deixeis com elle alguns minutos, para que troquemos as nossas despedidas!

Amenes recusou.

— A partir deste momento, és minha, minha só. Acompanha, portanto, as aias que te esperam, e ellas te vestirão conforme cabe a uma rainha!

E então, mal o podendo distinguir através a nevoa das lagrimas, estendendo-lhe os braços n'uma despedida muda, através do espaço immenso da sala das audiencias reaes, Theonis viu o seu apaixonado partir ao encontro do sol que espadanava lá fóra. Era como se fossem com elle toda a alegria, toda a paz, toda a felicidade da sua vida. — Só uma consolação me resta, — murmurou comsigo — é lembrar-me que está livre!

Alentou-a esse unico pensamento nas horas subsequentes, em que, passivamente, se submetteu ás escravas do rei, que a preparavam para o casamento e para a coroação. Jámais lhe fôra dado vêr igual pompa de tecidos de preço, de fascinantes adornos, de joias sumptuosas, nem mesmo na filha do rei da Ethiopia, a quem servira. E a sua *toilette* reuniu sedas que lhe acariciavam a pelle branca como se fossem pétalas de lotus, perfumes que evocavam todas as flores que glorificam a natureza, pedrarias que faiscavam como cem arco-iris! Mãos peritas dispuzeram-lhe, depois, os cabellos resplendentes com arte requintada, como convinha a uma cabeça que, em breve, ia cingir a corôa alada que era prerogativa das rainhas do Egypto.

A esse tempo, ás portas da cidade, Samlak, o rei da Ethiopia, recebia mensagens do rei Amenes, a informal-o de que outra mulher obtivera mais favor aos olhos de Pharaó do que a princeza Makeda, e que o poderoso Samlak podia agora, portanto, regressar ao seu paiz.

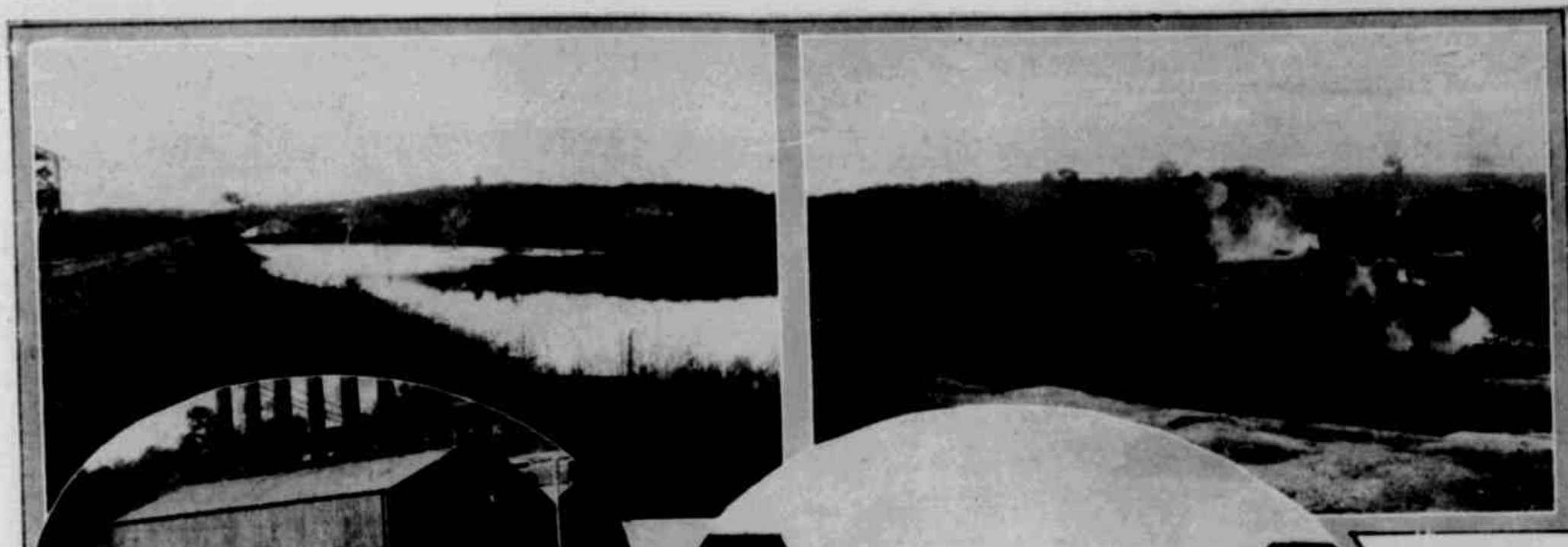
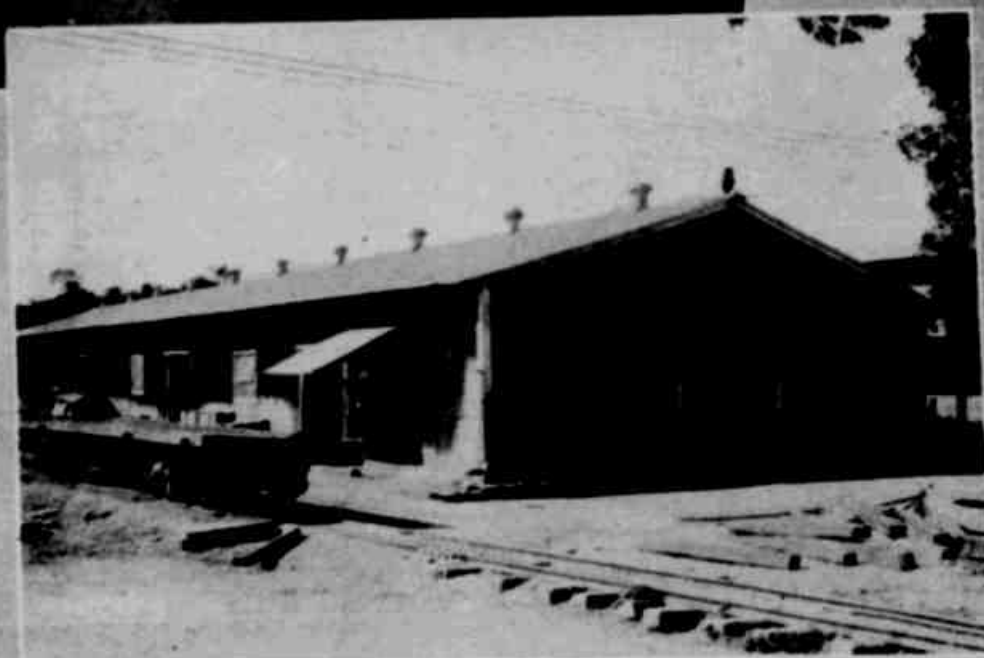
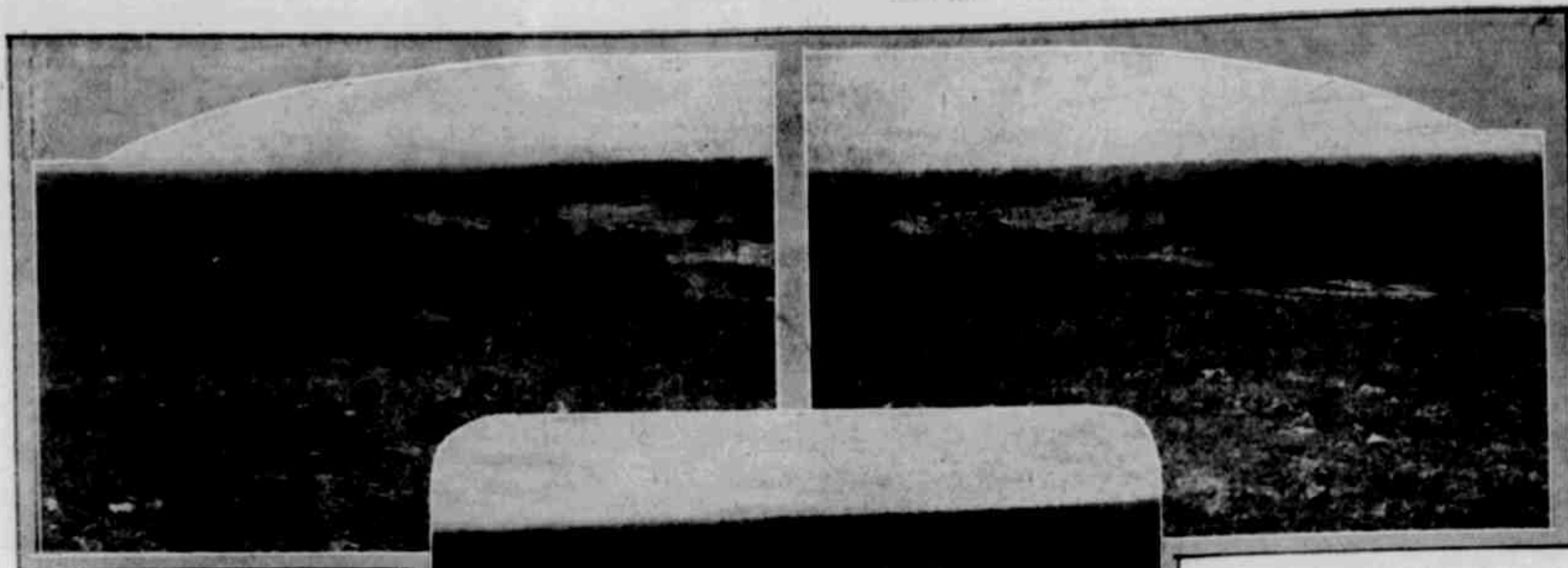
Atufou-se em cólera o coração do rei negro. Jámais fôra assim humilhado nenhum soberano do seu paiz. E um furor insensato o possuiu ante o desmoronamento do seu sonho de unir para sempre a Ethiopia e o Egypto.

— Ide e dizei ao vosso rei — respondeu — que Samlak regressa á Ethiopia, mas que, em breve, voltará ao Egypto, não como amigo dessa vez, mas como mortal inimigo, para vingar, com todos os seus exercitos, o aggravo feito a sua filha!

Voltaram os mensageiros a Amenes com o recado e, immediatamente, se fizeram preparativos para resistir ao invasor, quando chegasse. Depois, conforme o combinado, Theonis desposou Amenes e foi proclamada rainha, em meio aos vivas e applausos de toda a população, maravilhada, reverente ante a sua belleza, e

(*Conclue no fim da revista*)

...e foi proclamada rainha em meio de vivas...

AS GRANDES OBRAS CONTRA AS SECCAS NO NORDESTE BRASILEIRO

Açude Creo-[illegible] a margem da linha, servindo-lhe esta de barragem como a muitos outros açudes no prolongamento para o Crato. — Uma composição com carga de materiaes para os Açudes de Piranhas, São Gonçalo e Pilões.

Açude Poço dos Páos. — Residencias construidas pela I. F. O. C. S. para o pessoal encarregado das obras. Casa da Força. Escriptorio da construcção do ramal ferreo. Almoxarifado. Officina mecanica. Escavações para os alicerces da barragem; lado esquerdo. Machinas para transporte a curta distancia.

Vista da bacia que será occupada pelas aguas, concluida a barragem do Açude Pilões.

*Mais dois aspectos da bacia do Açude Pilões. Em S. João do rio do Peixe. **A ponta dos** trilhos da ferro-via em construcção. Junho de 1922.*

Ponte provisoria sobre o rio do Peixe, por onde passa a linha que serve ao Açude Pilões.

Ponte provisoria sobre o rio Peixe, em São João. Em São João do Rio do Peixe: os Drs. Jorge Coelho e Frederico Dreanert, engenheiros da I. F. O. C. S. e o autor deste trabalho. Vista da Villa de São João, no alto sertão da Parahyba.

AMOR E ODIO

(FIM)

Accacia levantou-se com uma vigorosa pancada do leque sobre a mesa:

— Mãe! — disse n'um impeto innocente, mas irreprimivel. — Por que mentes a ti mesmo? A tua satisfação com o meu casamento vem de que me queres longe daqui, de que te queres vêr livre de mim!

Raimunda recuou, como se fugisse a um bote que lhe apontassem, e voltou para sua filha o rosto exangue, sem se atrever a negar. A pequena sempre fôra uma barreira muda, levantada entre ella e Esteban. O seu odio calado fôra sempre uma ameaça á sua felicidade. E o que Accacia dizia era a pura verdade. Ella desejára sempre afastal-a quanto antes...

Titubeando, caminhou de braços estendidos para a moça, mas antes que encontrasse palavras com que responder, resoaram na sala pesados passos, n'uma precipitada correria, e logo, acima do alarido, palavras que traziam uma tragica noticia:

— Faustino assassinado! Mataram-n'o no escuro! Uma bala atravessou-lhe o coração!

— O coração... — disse Accacia lentamente, os olhos fitos no vácuo, — onde elle dizia sentir a dôr da sua paixão!

E sorrindo tristemente, cahiu ao solo, e ali ficou envolvida no seu chaile vistoso, como uma borboleta morta...

Nos dias tremendos que se seguiram, Accacia moveu-se em silencio pela casa, sem tino, nem proposito, os labios cerrados, os olhos mais verdes do que nunca, a bocca mais vermelha, o rosto mais pallido. A prisão de Norberto como autor da morte do seu noivo, a sua liberdade, pouco depois, por falta de provas que o compromettessem, não despertou, de sua parte, o minimo commentario. O jury considerara-o culpado, os rostos sombrios dos camponezes denunciavam-n'o, mas o juiz, receioso de errar, deixara-o ir em paz. Da sala do tribunal, Norberto foi direito á casa de Esteban e de sua tia. O seu corpo descarnado parecia oscillar em todas as juntas, e nas faces descoradas só os olhos ardiam como carvões em braza. Repellindo as mãos compassivas de Raimunda, caminhou direito á Accacia, e os dois se entreolharam, como se entreolhariam mortos que se levantassem á beira dos seus tumulos.

E, com labios que hesitavam em mover-se, Norberto perguntou:

— Quem é o teu amante? Quem é o teu amante que me intimou a não casar comtigo, o teu amante que assassinou Faustino porque sabia que, a esse, não o lograria afugentar?

— Estás louco? — respondeu Accacia com desdem. — Eu não tenho amante. O homem que eu amei esqueceu-se de mim e aquelle de quem jurei ser esposa jaz no seu caixão. Nenhum homem do mundo se atreveria a amar-me, agora! Eu sou um veneno humano!

— Minha filha! Minha querida filha! — gemeu a mãe da Accacia. — Não digas coisas assim, Norberto! Estamos a matal-a, todos!

Norberto não fez caso das admoestações de sua tia. E riu alto. — E têm-me, a mim, pelo assassino! A mim que não posso vêr sangue, e que obedeci a Rubio, mal elle me disse que seria melhor eu quebrar o juramento que te fizera...

— Rubio, o creado de meu marido! Que estás dizendo, Norberto? Accacia tem razão: estás louco, com certeza!

Raimunda articulava as palavras martellando-as, como se quizesse convencer-se a si mesma:

— Que interesse podia Rubio ter nos amores de minha filha? Por certo não pretendes insinuar que elle tivesse pretensões sobre ella?!...

Ria seccamente, com toda a violencia da colera. E agora, despido o seu rosto da calma habitual que lhe vinha do coração feliz, parecia velha, privada da belleza. Por sob a pelle flacida accusavam-se os ossos da face, e os labios arregaçavam-se-lhe aos cantos, na explosão da revolta.

— Que significa isto? — disse Esteban, que, de manso, penetrava na sala. Sua mulher correu para elle, arquejando com esforço:

— Norberto está para ahi dizendo... coisas absurdas, por certo... que Rubio, o teu creado, esse humilde famulo ao teu serviço, é o amante de Accacia, ou que, pelo menos, o pretende vir a ser.

— Onde está Rubio? — rugiu Norberto. — Quero perguntar-lhe, diante de todos, quem foi que me avisou para renunciar a Accacia.

— Rubio... — disse Esteban tranquillamente, — Rubio não está mais aqui.

Norberto repetiu as palavras estupidamente:

— Não está mais ahi? Mas então eu nunca poderei provar... e todos acreditarão...

Arrastou-se até junto de uma cadeira e nella se deixou cahir, com a cabeça enterrada nas mãos:

— Eu bem sei que Accacia nada tinha com esse homem, mas acreditei que, apaixonado por ella, elle tivesse matado Faustino...

— Rubio matou de facto Faustino, — disse Esteban no mesmo tom secco e duro. — Confessou-m'o antes de partir.

Accacia ficára de parte, baixára as palpebras. Levantou-se, porém, então, e os seus olhos, cheios de clarões verdes, encontraram os delle. Distenderam-se no rosto de Esteban os musculos faciaes, mas nem por isso pararam de olhar-se os dois.

— Mas, por que? Por que? — interrogou Raimunda. — Rubio nunca poderia ter esperanças de que minha filha viesse a pertencer-lhe! Santo Deus, que fiz eu para merecer tudo isto?!

— E eu? — disse a rapariga, numa voz pungente. — Acaso foi culpa minha se eu me consumi, faminta de affecto, na casa de minha propria mãe? Foi culpa minha que eu morresse á mingua em presença do que lhe sobejava a ella? E' culpa minha chamarem-me a Flôr da Paixão? Demais, sei eu que, na taberna, no mercado, em toda a parte, o meu nome anda em todas as boccas. Sou a

Um bobalhão que nem sabe beijar.

flor que fez enlouquecer os homens, a flor venenosa que mata a quem se atreve a tocal-a! E todos, decerto, acreditarão agora nessa infamia de que eu tive por amante o famulo humilde de meu padrasto!

— Basta! — interrompeu Raimunda. — Cala-te, senão juro-te que enlouquecerei!

Norberto levantou-se, cambaleando:

— Não! De preferencia, confessarei que fui eu quem matou Faustino, e direi que acabe de vez com o que já está começado...

Cambaleou de novo e tombou para a frente, sobre o rosto. Viu-se, então, que as mãos que elle tivera apertadas sobre o peito estavam tintas de vermelho.

— Morto tambem?! — exclamou Raimunda, deixando-se cahir, de joelhos, junto ao sobrinho. — Mataram-n'o por vingança e o pobresinho nem nos quiz dizer!

— O tio Eusebio e os filhos fizeram fogo sobre elle, á sahida do tribunal! — explicou Esteban á Accacia, no costumeiro tom soturno e grave. — Pensei que não lhe tivessem acertado. E' o segundo homem que morre por te haver tocado os labios!

E desviando-se já, a rir baixinho:

— Será verdade que vale mesmo a pena morrer pelos teus labios, Accacia?

Enquanto Norberto era recolhido ao leito e tratado o seu ferimento, Esteban desappareceu. Angustiada, abatida, Raimunda, dias seguidos, vagueou pelo seu pequeno mundo de amor e paz, attendendo ao doente, tartamudeando trechos de orações, lançando, de vez em quando, os olhos á janella, devastando o horizonte em busca do seu esposo. Accacia orava tambem aos pés da cruz cravada no peitoril da sua janella.

— Que olhar elle me lançou quando me falou em beijos! Santos do céo, fazei com que elle volte! Eu o odiava porque elle a amava, porque elle nunca me olhou daquelle modo! Ah, mas como elle é forte e vigoroso! Braços capazes de esmagar qualquer, pulsos sufficientes para abater um touro! Permitta Deus que elle me mate, de preferencia a beijal-a á minha vista! Santos do céo, fazei-o voltar... voltar a mim! Ella teve um marido! Já conheceu o amôr, já sentiu a dôr do amôr, antes de eu nascer! Não tem, pois, direito áquillo que é meu! Meu, sim, meu!

Tres dias depois, Raimunda estava cosendo quando uma sombra se interpoz entre os seus olhos e a costura, e, levantando-se com um grito, encontrou-se nos braços fortes de Esteban:

— Ah, voltaste por fim, meu adorado! Aperta-me ao teu peito! Mal vivi desde que partiste! Dize-me que tudo não passou de um pesadello e que, desse pesadello, despertaremos de novo para a gloria jocunda do sol! Dize-me que seremos felizes de novo!

— E Norberto? — perguntou beijando-a, carinhoso, mas sem responder á sua paixão. — Morreu? Vim ancioso por saber...

— Está melhor. O medico diz que o salvará.

E logo, em lagrimas, apertando contra o seu peito uma das mãos do marido.

— Mas, Esteban... E' só isso que me dizes, a mim, que tanto tenho soffrido por ti?!...

— E Accacia? — O que é feito della? Nestes tres dias que estive na montanha reflecti muito, e... conclui que eu... que nós, talvez, não tenhamos sido justos para com ella.

— Vou mandal-a para um convento, em S. Marcos, — disse tranquillamente a esposa. — E' o melhor para nós todos. Não a podemos ter aqui, onde todos a olharão severamente e falarão mal della. Depois deste escandalo, ninguem a vae pedir em casamento. Ao menos, lá ella estará tranquilla.

— Accacia, freira? Fechada por detraz das muralhas cinzentas de uma prisão, longe dos risos, do sol, do amôr? Não, é impossivel! Eu não consentirei em tal! — disse Esteban.

Aquietou-se de prompto vendo entrar Accacia.

Trazia ella um vestido tão curto que lhe dava a apparencia de uma creança. Dos seus olhos, afogados em lagrimas, haviam desapparecido os clarões verdes

Flor de paixão.

habituaes. Deteve-se a meio do compartimento, a considerar os dois, tranquillamente. Esteban afastou-se de Raimunda, deixou pender os braços, abriu os labios, mas não pronunciou palavra.

— Accacia, tu nunca foste justa para com Esteban, — disse sua mãe. — A todo o momento, dir-se-ia que o odeias, e isso me faz soffrer muito. Entretanto, nem tu sabes como elle é bom e cheio de deferencias para comtigo! Agora mesmo, elle se estava oppondo a que tu te separasses de nós, para entrares no convento! Até se diria que tu és tanto filha delle como minha. Vae, vae abraçal-o, beija-o e chama-lhe pae, se é que me queres bem! Far-nos-ás, a todos, tão felizes!

Accacia caminhou lentamente para onde estava Esteban e alçou para elle os seus lindos olhos, marejados de lagrimas.

— Esteban! — disse triumphantemente. — Beija-me, Esteban! Não ouviste que ella permittiu...

Esteban apertou-a de encontro ao seu peito, muito, muito, bocca a bocca, os corações a baterem alvoroçadamente, um contra o outro. E não foi um beijo de pae: foi o beijo arquejante, abrazador de um amante! Raimunda contemplou-os um momento, com olhos surpresos, incredulos, a principio, mas, logo depois, veiu a tremenda revelação.

— Tu, tu e ella! — exclamou. — Ah, tambem tu amas a "Flor da Paixão"! E foste tu quem desmanchou o seu casamento com Norberto! E foste tu que fizeste Rubio matar Faustino! E, agora, sob os meus proprios olhos... Que vergonha, meu Deus, que vergonha!...

E caminhando para a porta:

— Mas não ficará assim! Eu te denunciarei, miseravel! Olá, gente de casa! Eis aqui o assassino! Vinde depressa e o prendereis nos braços da sua amante!

Estalou um tiro no aposento, e a voz de Raimunda emmudeceu. No peito do seu vestido alastrava-se uma mancha vermelha. Esteban deixou cahir dos seus dedos hirtos a arma fumegante.

— Foi mais forte do que eu, — disse tristemente. — Foi tudo obra do meu amôr por ti, Accacia! Eu não queria humilhal-a, nem ferir fosse a quem fosse,

Raymunda contemplou-os um momento.

nem ser mliel... Mas uma força superior a mim...

Pareceu recobrar então a consciencia do seu acto, pois, de um pulo, foi á porta, espiou para fóra, e voltando-se para Accacia:

Vem. Precisamos partir quanto antes. Nas montanhas, poderemos estar tranquillos... E, depois, em algum outro paiz...

A rapariga não se moveu. Os seus olhos não se desprendiam do rosto de sua mãe, sobre o qual se iam adensando as sombras da morte.

— Accacia! — murmurou Raimunda. — Accacia, minha... minha filha!

Era a alma de mãe que falava. Foi a alma da filha que respondeu:

— Minha mãe! Mãe adorada! Se soubesses como te amo!...

— Vamos, Accacia! — insistiu Esteban, á porta. — O tempo urge! Não o percas ahi! Vem, a felicidade chama-nos. Vem commigo e com o meu amor para as montanhas!

Accacia não se voltou para olhal-o, nem pareceu tel-o ouvido. A cabeça da moça descançava sobre o peito trespassado de sua pobre mãe, e as mãos da moribunda a apertavam ao coração. E Esteban sentia que jámais conseguiria afrouxar o enlace daquellas mãos, que, dos confins da morte, tinham vindo preservar a creança do perigo, — mãos que jámais deixariam de cingir assim a alma de Accacia, senão depois que a tivessem feito transpor as fronteiras do céo.

A M O R E S D E P H A R A O'

(FIM)

esperançada em que pudesse a joven esposa concorrer para abrandar o duro coração de Amenes. Muitos se compadeciam porém della, e Ramphis, o seu apaixonado, sentia o coração consumido de saudade e desespero.

Dentro do praso indispensavel a Samlak para alcançar a sua capital, reunir seu immenso exercito e marchar através das planicies ardentes, em direcção ao sul do Egypto, elle voltou a acampar a uma pequena distancia da cidade do Pharaó.

Amenes estava prompto a enfrental-o; e o povo, indignado embora com uma guerra determinada por tão frivolo motivo, não ousava insurgir-se contra o seu rei. No dia marcado para transpor as portas da cidade e atacar as forças inimigas, tudo estava prompto.

Antes de partir, Amenes chamou á sua presença o seu grão-sacerdote e, confiando-lhe Theonis, disse-lhe:

— Na Casa do Thesouro mandei preparar um local para ella, que é o maior dos meus thesouros. Mas Theonis é bella e preciosa demais para que possam vel-a olhos humanos. Assim, ordenei fosse designado para guardal-a Sotis, que teria sido seu sogro se ella houvesse desposado Ramphis. Só elle sabe qual é a entrada para aquelle recinto. E, para ter a certeza de que nem por elle será cubiçada a sua belleza, mandei que lhe arrancassem os olhos. Sotis vive hoje n'uma perpetua treva, que me tranquillisa. Levae-a, agora, á Casa do Thesouro, entrega-a nas mãos tacteantes do seu guardião, e que só fiquem com ella as suas escravas! Voltae depois e entendei-vos commigo antes que eu parta!

— Mas esse Ramphis, filho de Sotis? — interrogou o sacerdote, afastando-se com o soberano para que Theonis não o pudesse ouvir. — Não haverá perigo de que o pae a entregue nos braços do filho?

Amenes sorriu.

— Logo depois que Ramphis compareceu perante o meu julgamento, começou a trabalhar como escravo nas pedreiras, mas não me pareceu necessario que Theonis de tal soubesse. Hoje, elle parte com os meus soldados e forma nas primeiras fileiras. E', pois, mais provavel que não volte...

Depois que Amenes teve a certeza de que Theonis estava seguramente guardada na Casa do Thesouro, levou então os seus homens a enfrentarem o exercito inimigo do rei Samlak, sobre as ardentes areias do deserto. Dentro dos muros da cidade, mulheres, creanças e velhos, affligiam-se, choravam e maldiziam a Amenes, pela tyrannia com que despachara para a guerra os homens validos e bellos, que eram o arrimo das familias.

Dentro em pouco, rapidos corredores chegaram com a lugubre noticia de que o exercito do Egypto estava sendo levado de vencida. Lentamente, mas pertinazmente, os homens de Amenes vinham recuando perante o ataque dos Ethiopes. E do povo apossou-se um terror que se aggravou ao sol-pôr, quando se viu um exercito desordenado e em panico acolher-se á segurança dos muros da cidade, ao mesmo tempo que, em perfeita ordem, os Ethiopes, triumphantes, proseguiam no avanço.

Impellidos pela desesperada situação em que se viam, reuniram-se, rapidamente, em conferencia os notaveis, antes que Samlak e as suas tropas alcançassem as portas da cidade. Foi, então, que Ramphis, solicitou audiencia. Occorrera-lhe um plano para salvar o seu povo, e queria pol-o em pratica, pois por mais que odiasse Amenes, amava o Egypto, e não o desejava ver subjugado pelos Ethiopes.

— Dize lá o teu plano! — ordenaram os generaes. E o joven encheu-os de pasmada admiração com o habil ardil que imaginára, por meio do qual os Ethiopes seriam attrahidos á cidade, como se esta fraqueasse ante a investida. Uma grande formação de homens, disposta por detraz das fortificações estrategicas, ao abrigo dos muros da cidade, cahiria então a fundo sobre os assaltantes e os dizimaria sem piedade.

Acceitos os seus alvitres, foi-lhe ordenado que para logo puzesse o seu plano em execução. Não havia tempo a perder, nem se podia cogitar de outro expediente, pois os Ethiopes já batiam ás portas da capital. Com a firme resolução de um general, Ramphis assumiu, então, o commando das suas forças, dispoz tudo seguramente, e ordenou que as portas fossem abertas. Por ellas se despejou, qual uma immensa torrente, o exercito dos negros. Mas não demorou muito que elles reconhecessem o erro em que tinham cahido, e, aturdidos, desmoralisados, tomados de panico, foram num instante esphacelados. A derrota de ha pouco transformou-se de subito numa decisiva victoria, e Ramphis foi acclamado como um heróe.

— Onde está o rei?

A pergunta surgiu de um homem, e, immediatamente, milhares de outros a repetiram.

— Onde está o rei? Onde está o rei?

— Vi-o ás primeiras horas do dia, — informou um soldado. — Estava desmontado, — disse outro. — E percebemos que estava ferido, — accrescentou um terceiro. — O rei foi morto! — gritaram, então, muitos. — Amenes, o tyranno do Egypto, é morto!

— Mas reina Theonis, a linda! — alguem exclamou. — E quem será o nosso rei?

Ramphis fez que não ouvira. Mais alto falava a voz do seu amor, chamando-o da camara secreta da Casa do Thesouro do rei. Esgueirando-se de modo a que o não vissem, foi em procura do pobre cégo que era agora seu pae.

— Amenes é morto! — disse-lhe. — Leva-me junto de Theonis, e só a morte nos separará agora! A maldade de Amenes foi cruel especialmente para comtigo, meu pobre pae, pois a sua morte não te restituirá a vista. Mas, agora, por graça de Osiris, teremos, em vez delle, um Pharaó cuja bondade consagrará as virtudes da nossa raça!

Num extase infinito, Theonis viu o seu apaixonado apparecer na penumbra de sua prisão e caminhar para ella. Os seus olhos illuminaram-se como os céos velludosos das noites do Egypto, quando os constella o áureo polvilho das estrellas. Por um momento, ambos se esqueceram de que ella era rainha do Egypto, e Theonis foi nesse momento apenas uma mulher nos braços daquelle a quem amava.

Só depois, á porta de entrada da Casa do Thesouro, restituida de novo á liberdade, Theonis se lembrou.

— Não posso governar este paiz sósinha! — disse. — Mas, se o povo me quizer por sua rainha, tu serás o meu rei!

Reunindo em volta de si os generaes e notaveis da casa real, erecta e nobre tal uma deusa branca perante o throno dos Pharaós, assim lhes falou Theonis, e a sua declaração suscitou uma torrente de applausos.

— Ramphis, nosso rei! — bradava a multidão lá fóra. — Ramphis, o heróe, será o nosso rei!

Sem um murmurio divergente, celebraram-se desde logo as ceremonias da coroação, para que o Egypto não fosse privado de rei por uma só noite.

De repente, em meio das ceremonias, fez-se silencio, e a multidão em volta do throno abriu caminho a um homem, que, gravemente ferido, se arrastava sobre as mãos e os joelhos. E os rostos de Ramphis e Theonis se immobilisaram numa expressão de horror, pois esse homem não era outro senão o rei Amenes!

O silencio foi, porém, só obra de um momento, pois de todos os peitos logo se levantou um brado unanime:

— Amenes é morto! Viva Ramphis!

— Eu sou Amenes! — tentava gritar o ferido, cambaleando sobre os degraus do throno, a face livida de colera e de dor. — Por todos os deuses do Egypto, sou eu Amenes! Ajoelhae quanto antes perante o vosso rei, antes que vos fulmine a sua colera!

Mas a multidão repetia o seu brado ainda mais forte:

— Amenes é morto! Viva Ramphis! Viva Ramphis!

— Desafias-me, então? — gritou Amenes, levantando contra Theonis as suas mãos impotentes. — Esqueceste então de que és minha esposa?

Mas Theonis, sem tentar resposta, refugiou-se nos braços amorosos de Ramphis.

Num ultimo desafogo de raiva, de de-

sespero. Amenes voltou-se para o seu povo, os seus labios moveram-se, mas nenhum som se fez ouvir. Elevou as mãos ainda ao alto, acima da cabeça, tal um afogado que se apega á illusoria segurança da agua que o engolfa, mas sentiu que os seus joelhos tremiam, cediam ao peso do seu corpo. Um instante depois, abatia-se de vez e, como um molle feixe de carnes sem vida, rolava pelos degraus do throno.

Fez-se um novo silencio de um momento, e logo milhares de vozes repetiram com enthusiasmo o seu grito:

— Amenes é morto! Viva Ramphis, o nosso rei!

OTHELLO

(*Fim*)

— Desdemona espera-te esta noite. — dissera-lhe Iago.

E, á noite, sob as janellas do palacio, um bandolim gemia e uma voz subia, apaixonada, no ar quente e embalsamado.

Iago abrira a janella do gabinete do general; este com a fronte profundamente vincada e a cabeça entre as mãos, entregava-se ás cogitações que lhe inspirava a desconfiança. Ao som daquella voz, um sobresalto fel-o levantar-se e approximou-se da janella. Iago precedera-o, procurando fechal-a. Mas elle repelliu-o brutalmente e debruçou-se. Em pleno luar, sob as janellas de Desdemona, um homem entoava coplas ardentes e supplicantes, trovas de amor apaixonado.

"Vôa a ti no ar silente e crystallino
O meu amor, ó bella!
Mostra o teu rosto angelico, divino,
A' beira da janella".

Othello escutava e um suor frio cobrira-lhe a fronte. A canção, fóra, proseguia:

"Canto a tua magnifica belleza
Nesta ardente canção!
Ponho aos teus pés, ó bella de Veneza,
Todo o meu coração!"

O mouro comprimiu a cabeça entre as mãos, com desespero. Um soffrimento atroz torturava-o. Iago retirara-se de manso. Rodrigo continuava a cantar, fóra, embora as janellas de Desdemona se conservassem fechadas. Iago dissera-lhe ao ouvido:

— Foge, que ahi vem Othello...

Elle desappareceu como uma sombra no momento em que Othello surgia, louco de furor. Não encontrando ninguem, o mouro voltou ao seu aposento. Iago ali estava já. Othello agarrou-o pelo pescoço.

— Quem era? Dize! — ordenou.

— Oxalá eu não o soubesse, senhor...

Othello apertou-lhe o pescoço com força.

— Quem era?

— Cass... — gemeu elle.

O mouro largou-o e cambaleou como um homem ferido mortalmente. Cassio, o seu companheiro querido, o seu filho dilecto, trahil-o! Desdemona, a esposa adorada, o idolo de quem se fizera escravo, enganal-o! O seu coração de mouro, de paixões dominadoras, profundas, inextinguiveis, onde corria um sangue escaldado ao sol dos desertos africanos, o seu coração estalava-lhe no peito... Uma ancia atroz suffocava-o... uma nuvem cobria-lhe os olhos... Como o tronco robusto do baobab fulminado pelo raio, o seu corpo, despedaçado pelo soffrimento sobrehumano, rolou desamparado.

Quando voltou a si, Othello era outro homem. Iago contemplava-o prostrado, alquebrado, sombra apenas do que fôra. Era a occasião de dar-lhe o ultimo golpe.

Um dia, conversando com Lucia, Iago tomara-lhe um lenço que a camareira guardava cuidadosamente. Em vão, a rapariga lhe pedira restituisse o lenço, allegando o seu valor. Era o lenço que Othello déra á Desdemona no dia do seu casamento. Iago fez a camareira esquecer, com um beijo, do lenço e de tudo o que a cercava.

Agora, com a cabeça de Othello sobre os joelhos, Iago enxugava-lhe com esse lenço o suor da fronte. Os olhos do mouro fixaram-se, pouco a pouco, nos bordados que o cercavam, e, subitamente, arrancando-o das mãos do outro, perguntou-lhe:

— De quem é este lenço?

— Deu-m'o Cassio, meu senhor.

Othello levantou-se. Com uma serenidade terrivel, mais para temer que os seus paroxismos de colera, dirigiu-se para os aposentos da esposa.

— Desdemona, guardaste bem o lenço que te dei?

— Guardei... respondeu ella toda tremula.

— Mostra-m'o!

Ella respondeu em voz muito baixa:

— Perdi-o.

Quiz explicar como o lenço desapparecera, mas elle não a ouvia mais. Ella adivinhou o ciume que o atormentava; ha muito que o adivinhára. Mas que podia ella dizer ou fazer, se elle não a escutava?

— Provas, provas, quero provas! — rugiu o mouro ao voltar para os seus aposentos.

— Quereis provas, senhor? — acudiu Iago com um medonho sorriso de zombaria. — Talvez uma vos baste. Vigiae a porta dos aposentos de vossa esposa.

Iago correu a procurar Cassio.

— Montano pediu a Othello que te restabelecesse no commando. Othello hesita. Se Desdemona intercedesse agora por ti.

— Que dizes, meu Iago? Corro a supplicar á esposa do general que interceda por mim.

Iago estava satisfeito. As malhas da sua rêde de intrigas cerravam-se gradualmente. Ao ver Cassio sahir do quarto de Desdemona, Othello não podia duvidar por mais tempo. Quando entrou no gabinete do general, Iago, de um relance, viu o effeito que produzira o seu estratagema.

— Senhor, tivestes a prova que pedistes. Que fareis agora?

— E' preciso que Cassio não veja o dia de amanhã. Tu te encarregarás disso.

— E quanto á vossa esposa?

— Vae-te, demonio!

Os olhos injectados de sangue do mouro eram resposta bem clara. Iago sahiu.

— Vamos tratar de aniquillar Cassio, — dizia elle comsigo mesmo. — Eu poderia desafial-o para um duello, mas Cassio é muito mais forte do que eu e a minha alma está muito satisfeita com o meu corpo para pensar em abandonal-o. Rodrigo se encarregará disso.

Em poucas palavras, Iago convenceu o elegante de que Desdemona desejava que Cassio morresse para ser delle, Rodrigo. E o desgraçado partiu em busca de Cassio, decidido a matal-o para possuir a bella veneziana. Encontrou-o. Sem hesitação, desembainhou a espada e caminhou para elle. O outro reconheceu-o e empunhando a espada cruzaram ferro. Mais habil no manejo das armas do que o seu contendor, Cassio prostrou-o logo ao primeiro embate.

— Culpa de Iago, o maldito! — exclamou o moribundo, largando a espada. Quiz ainda levantar-se, mas uma golfada de sangue suffocou-o.

Othello encaminhou-se, após a sahida de Iago, para os aposentos de Desdemona. Uma reflexão fel-o dirigir-se, porém, para o quarto de Lucia. Esta ia para falar:

— A senhora manda dizer-vos...

Mas não poude concluir. Othello agarra-a pelos pulsos e apertava-os como em um torno.

— A ti, alcoviteira maldita, tambem ha de caber um quinhão da minha vingança.

A rapariga curvou-se ao peso da dor. Elle largou-a. Vendo-se livre, ella precipitou-se para o quarto de Desdemona.

— Fugi, senhora, fugi quanto antes; Montano parte hoje para Veneza; ide com elle. Prevejo uma desgraça...

— Louca, — respondeu Desdemona com um sorriso triste — não vês que o amo tanto que só posso viver onde elle está?

Quando Othello penetrou na alcova de sua esposa, Desdemona dormia, inconsciente da tempestade prestes a desabar sobre a sua fragil cabeça. Os seus louros cabellos espalhados pelas almofadas, emmolduravam-lhe o rosto de linhas puras. Um sorriso entreabria-lhe os labios finos. Othello contemplou-a um momento. Uma onda de sangue subiu-lhe ao coração. Mesmo nessa hora suprema o amor vencia-o... Insensivelmente, foi-se incli-

nando, até pousar os labios nos labios de Desdemona. A paixão dominou-o...

Desdemona abriu os olhos e um sorriso brincou-lhe nos labios. Mas logo, notando o olhar sombrio de Othello, fez-se séria e sentou-se no leito.

O mouro falou em voz profunda:

— Fizeste esta noite as tuas orações, Desdemona?

Ella ouvia-o com os olhos muito abertos, sem comprehender. Elle continuou:

— Vê se te recordas de algum peccado que te ensombre a consciencia... e reza, reza!

— O meu unico peccado é o meu amor por ti, — respondeu ella.

— Mentes, mentes...

Ella juntou as mãos como para supplicar o testemunho do céo.

— Então não me trahiste... com Cassio?

— Nunca, — exclamou ella com vehemencia, — nunca te trahi! Interroga o proprio Cassio!

— Cassio é morto!

— Morto! — murmurou ella.

O terror que transparecia no seu bello rosto; a magua com que parecia receber a noticia da morte de Cassio; e, mais que tudo, a certeza da trahição de que fôra victima, encheram-n'o de furor. Agarrou-a pelos braços, sacudiu-a como um trapo e, dobrando-lhe o corpo para traz, apertou-lhe o pescoço delicado entre os seus dedos de ferro. Ella debateu-se fracamente por alguns instantes e ficou immovel. Estava morta.

O ruido da luta despertára Lucia, que accorria. Ao ver o corpo immovel de sua senhora, comprehendeu tudo. Othello disse-lhe:

— Ella manchou a minha honra e tinha que morrer.

— Mentes, senhor, por Satanaz que mentes!

— Porventura, não deu ella a Cassio o meu lenço? Porventura, não esteve Cassio com ella á noite passada?

— Louco! Louco! O lenço arrancou-m'o Iago da mão e foi elle proprio quem aqui trouxe o pobre Cassio!

Cahia a venda dos olhos de Othello. Tarde de mais! Tudo se anniquillava para elle: a sua vida, o seu amor, a sua gloria. Innocentes! Desdemona, que elle matára, Cassio, que fôra morto por Iago! Iago! Oh! A serpente venenosa, o espirito do mal, que armára a trama infernal, em que se arruinára a sua vida! Iago, que ali estava de pé, saboreando com um sorriso de escarneo a sua vingança, contemplando a sua obra, Iago não lhe escaparia. De um salto, precipitou-se sobre elle, de alfange na mão.

— Morre, serpente, morre, genio do mal!

O miseravel tombou, ferido no coração. Como um homem ebrio, cambaleando, Othello abriu a porta e sahiu. No corredor encontrou Montano, acompanhado de alguns officiaes. Um sorriso livido de alegria, appareceu-lhe nos labios ao divisar Cassio entre elles.

— Senhor, — disse Montano, — os turcos atacarão Chypre ao primeiro clarão da alvorada. O povo reclama a presença do seu general!

Pelas janellas abertas subia, com effeito, o clamor da multidão: Othello! Othello!

— Tende paciencia ainda um pouco... senhores... estou doente... Cassio me substituirá...

Dizendo isto, tornou a entrar no quarto. Os officiaes se entreolharam com espanto. Finalmente, Cassio precipitou-se para a porta e escancarou-a. Um quadro horrivel apresentou-se aos seus olhos: sobre o leito desmanchado e inundado de sangue, jazia, estreitamente enlaçado ao corpo de Desdemona, o cadaver de Othello. Aos pés do leito, em um lago de sangue, Iago tinha ainda o alfange cravado no peito.

Montano afastou Cassio e fechou a porta. Fóra, o povo continuava a clamar pela presença de Othello. Cassio chegou-se á janella e estendeu o braço.

A multidão silenciou. Elevando a voz, para ser ouvido por todos, Cassio exclamou:

— O general é morto!

E, elevando os olhos para o céo, emquanto a multidão consternada se descobria:

— Que Deus se compadeça da sua pobre alma!

UM NEGOCIO LUCRATIVO
(FIM)

De todos os lados accoriam os marinheiros com baldes d'agua. Mas o navio, velho e carcomido, era presa indisputavel das chammas. Os botes lançados ao mar emborcavam e esmigalhavam-se de enconro ao costado.

Ignez e Rush nadavam, afastando-se do navio. Haviam conseguido deitar a mão numa embarcação virada, e deixaram-se levar ao sabor das ondas.

Ao largo da costa, como um cão de fila, um submarino se approximava em circulos consecutivos do logar onde fôra assignalada a escuna dos contrabandistas. O clarão do incendio, rasgando a densa neblina, deu-lhe a direcção certa.

Ao amanhecer todos os tripulantes estavam salvos. Em uma das camaras estreitas do submarino, linda nas suas vestes de marinheiro, Ignez não se atrevia a levantar os olhos para Thompson.

Mas Thompson estava longe de pensar nos perigos que correra por causa della. Assim, tomando-lhe as mãos nas suas, beijou-as repetidas vezes.

— Então, senhor "Policia", que vae fazer agora? — perguntou a moça com um sorriso malicioso.

— Agora? nada. Mas daqui a alguns dias vou persuadir teu pae a abandonar duas cousas: uma é esse negocio de bebidas prohibidas; a outra és tu, meu amor.

E o commandante do submarino, passando á porta da camara, fechou discretamente a mesma para que os seus subordinados se não escandalisassem com o espectaculo de duas boccas colladas...

Em "Bella Dona", o film de Pola Negri para a "Paramount", entram Conway Tearle, Conrad Nagel e Claude King.

As autoridades da Inglaterra, afinal, permittiram que Ann Forrest tomasse parte no film que a Fox está filmando lá, "If winter comtes".

A nova lei de immigração diz que nenhum estrangeiro póde ser importado para fazer um trabalho que possa ser feito por um inglez, mas o caso de Ann Forrest não foi considerado pertencente a este artigo.

Jack Pickford e sua esposa Marilyn Miller vão apparecer juntos num film.

TERRA NEGRA

TANGO MILONGA

por JUAN NOLI

REPERTORIO DA ORCHESTRA PICKMANN

PIANO

ff BANDONEON Solo ff

mf

Tutti

ff

p

p

ff

p

ff

f FIN

ff

f p

pp

cresc.

1ª

2ª Para TRIO

Violin

TRIO

1ª

2ª

D. C.

ROUGE "LADY"

SUPERFINO

Superior a todos pela sua coloração natural, firme e duradoura

E' INOFFENSIVO E INVISIVEL

Preços : Rs. . . . . 2$500
Pelo correio Rs. . . . . . 3$500

A' venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

MATRIZ — Rua Uruguayana, 44 } RIO
FILIAL — Praça Tiradentes, 38 }

Não nos responsabilisamos pelo producto vendido por menos dos preços acima.

Dentes brancos
Bocca limpa
Halito puro

Só com o uso da

"PASTA ORIENTAL"

Depurativo Salsa, Caroba e Manacá

Do celebre pharmaceutico-chimico E. M. DE HOLLANDA preparado pelo Dr. Eduardo França (Concessionario).

O Rei dos Depurativos

A SALSA, CAROBA E MANACÁ, do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e gosa de grande reputação. E' o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, syphiliticas, boubaticas e escrofulosas provenientes da impureza do sangue, taes como rheumatismos, dôres articulares, arthritismo, etc. Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios !

Depositarios: ARAUJO FREITAS & C., droguistas. — Rua dos Ourives n. 88, Rio de Janeiro. — Encontra-se em todas as pharmacias e drogarias.

VIDRO... 8$000

Tertuliano Mendes da Rocha

Tertuliano Mendes da Rocha, musico, residente na Capital da Parahyba do Norte — Rua Barão do Triumpho n. 3. Attesto que estive soffrendo de dores rheumaticas no braço esquerdo e já sentia differença da grossura de um para o outro; lendo um dos vossos folhetos, deparei com o ELIXIR DE NOGUEIRA, e os attestados que continha o mesmo; comprei na pharmacia um vidro, depois de terminar senti melhoras; com uso de segundo fiquei completamente curado. Junto a minha photographia para publicar. Parahyba, 29 de Junho de 1913.

Tertuliano Mendes da Rocha. (Firma reconhecida).

Vende-se em todas as drogarias e pharmacias do Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay, Bolivia, Perú, Chile, Paraguay, etc.

PÓ DE ARROZ RENY

Adherente e perfumado. Caixa grande 2$500, pelo correio 3$500 ; caixa pequena 600 réis, pelo correio 1$000.

LOÇÃO RENY

Elimina a caspa e evita a quéda dos cabellos. Vidro 5$500 pelo correio 8$000.

DEPIL

Unico liquido que tira o cabello em cinco minutos. Vidro pequeno 5$000, grande 10$000, pelo correio, 8$000 e 12$000.

AGUA BALSAMICA RENY

Perfume das orientaes. Algumas gottas perfumam um banho. Vidro pequeno 5$000, grande 8$000, pelo correio 8$000 e 12$000.

MAGALHÃES & LOBO

Rua Marechal Floriano Peixoto, 17---Sobrado

Offs. Graphicas d'O MALHO